



INSTITUTO FEDERAL  
Alagoas  
Campus Benedito Bentes



PROFEP  
PROGRAMA DE ESPECIALIZAÇÃO EM  
EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA

# SABERES E VIVÊNCIAS DAS MULHERES CAMPONESAS DE UNIÃO DOS PALMARES

Eduardo Lourenço Figueiredo  
Nelson Vieira da Silva Meirelles



# EXPEDIENTE TÉCNICO

INSTITUTO FEDERAL DE ALAGOAS - IFAL  
CAMPUS BENEDITO BENTES  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E  
TECNOLÓGICA - PROFEPT

Autor: **Eduardo Lourenço Figueiredo**

Coautor e orientador: **Prof. Dr. Nelson Vieira da Silva Meirelles**

Projeto gráfico e diagramação: Alan Fagner Ferreira



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
Instituto Federal de Alagoas  
Campus Avançado Benedito Bentes  
Biblioteca

F475s

Figueiredo, Eduardo Lourenço.

Saberes e vivências das mulheres camponesas de União dos Palmares / Eduardo Lourenço Figueiredo; Nelson Vieira da Silva Meirelles. – 2021.

60 f. : il.

1 CD-ROM: il.

Produto Educacional da Dissertação Saberes e vivências das mulheres camponesas de União dos Palmares no ensino de agroecologia do Ifal – Campus Murici - (Mestrado em Educação Profissional e Tecnológica) Instituto Federal de Alagoas, Campus Avançado Benedito Bentes, Maceió, 2021.

1. Ensino. 2. Sabedoria Popular. 3. Agroecologia. 4. Relevância Social. 5. Material Didático I. Título. II. Meirelles, Nelson Vieira da Silva.

CDD: 370

**Fernanda Isis Correia da Silva**  
Bibliotecária - CRB-4/1796

# AUTORES

## **Nelson Vieira da Silva Meirelles**

Professor de Ensino Básico, Técnico e Tecnológico do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Alagoas - IFAL. Possui Doutorado em Zootecnia pela Universidade Federal da Paraíba (2012), Mestrado em Zootecnia pela Universidade Federal da Paraíba (2009), Graduação em Zootecnia pela Universidade Federal de Alagoas (2006) e Técnico em Agropecuária pela Escola Agrotécnica Federal de Satuba-AL (2003). É professor e pesquisador permanente do Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT) e Bolsista do Programa de Apoio a Produtividade em Pesquisa (PAPPE) do Instituto Federal de Alagoas (IFAL). Tem experiência na área de Zootecnia, com ênfase em Produção de Ruminantes, atuando principalmente nos seguintes temas: Sistemas de Produção de Ruminantes de Base Agroecológica, Práticas Pedagógicas em Educação Profissional e Tecnológica, Organização do Espaço e Memórias em Educação Profissional e Tecnológica e Tecnologia de Produtos de Origem Animal.

## **Eduardo Lourenço Figueiredo**

Professor de Ensino Básico da Rede Estadual de Ensino de Alagoas. É aluno de Mestrado profissional em Educação Profissional e Tecnológica do Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologia de Alagoas – IFAL. Possui Especialização em Filosofia Contemporânea pela UFAL – Universidade Federal de Alagoas (2018). É graduado em Filosofia pela UFAL – Universidade Federal de Alagoas (2016).

## APRESENTAÇÃO

O presente trabalho apresenta os saberes e vivências de algumas mulheres que fazem parte do Movimento de Mulheres Camponesas do município de União dos Palmares – AL. Seu objetivo é tornar visível as opiniões, concepções e saberes das mulheres do campo. Nesse sentido, o e-book pode apropriar-se daquilo que Jacques Le Goff (1990) afirma ser um compromisso do historiador diante dos progressos da democracia: interessar-se pelo lugar dos pequenos na história, e defender como seu esse mesmo interesse, visto que também ele coloca-se ao nível da vida cotidiana para permitir que as mulheres falem e apresentem suas memórias, vivências e saberes.

Outro objetivo desse e-book é tornar possível o diálogo entre os saberes formais e não-formais, posto que o mesmo tenha sido elaborado para ser utilizado como material didático no curso de Agroecologia do IFAL, campus Murici. Parte da ideia de que os saberes e vivências das mulheres camponesas devem ser valorizados e apresentados no contexto da educação formal para que, desse modo, a sabedoria popular campesina possa ser discutida dentro do ambiente acadêmico, o que pode se expandir para outras realidades em diferentes regiões.

O presente e-book está dividido em cinco capítulos. O primeiro deles apresenta o perfil das mulheres entrevistadas e, assim, expõe a idade das mulheres, seu nível de escolaridade, sua fonte de renda e o tempo de pertencimento ao Movimento de Mulheres Camponesas.

O segundo capítulo se detém sobre a questão da modificação da visão política das mulheres proporcionada pelo seu pertencimento ao movimento e também analisa as respostas dadas pelas mulheres para a questão acerca do significado de ser uma



mulher camponesa.

O terceiro capítulo, por sua vez, apresenta os saberes sobre o modo de lidar com a terra considerados essenciais para as mulheres do campo, discute a incompatibilidade entre o modo de produzir dos grandes produtores e o modo de produzir típico das mulheres camponesas e busca saber, a partir da opinião das mulheres, qual seria o projeto de sociedade defendido pelo MMC<sup>1</sup>.

Já o quarto capítulo aborda a questão dos pratos típicos da realidade camponesa, analisa quais tradições folclóricas são consideradas mais importantes para as mulheres do campo e se detém também sobre a questão da utilização de plantas medicinais pelas mulheres camponesas.

Por fim, o quinto capítulo trabalha com a questão do pertencimento das mulheres a grupos religiosos, discute a relação entre as religiões professadas pelas mulheres e o seu pertencimento ao movimento e analisa o convívio das diferentes religiões dentro do MMC.

---

<sup>1</sup> Movimento de Mulheres Camponesas.

# SUMÁRIO

1 - Perfil das mulheres entrevistadas .....	07
2 - Visão política e significado de ser uma mulher camponesa .....	12
3 - Saberes sobre o uso da terra e projeto de Sociedade .....	23
4 - Pratos típicos, tradições folclóricas e plantas medicinais da realidade campesina .....	39
5 - Religiosidade das mulheres camponesas .....	51
Referências.....	55



# 1 - Perfil das mulheres entrevistadas

O Movimento de Mulheres Camponesas é constituído por mulheres de idades variadas. A mais jovem entre as mulheres entrevistadas possui apenas dezenove anos e a mais velha possui setenta anos. Desse modo, podemos dizer que o movimento promove o encontro entre diferentes gerações, unidas entre si pelo desejo e pela atuação que busca tornar melhor as condições de vida das mulheres do campo, conforme a tabela abaixo.

Tabela 1 – Perfil das entrevistadas: Idade, sexo, fonte de renda, religião e nível de escolaridade.

Número de entrevistadas	Idade	Sexo	Fonte de Renda	Religião	Nível de Escolaridade
1	25 anos	Feminino	Agricultura	Católica	Ensino Médio Completo
2	22 anos	Feminino	Alguns bens que possui	Evangélica	Ensino Médio Completo
3	28 anos	Feminino	Agricultura	Católica	Ensino Médio Incompleto
4	19 anos	Feminino	Agricultura	Evangélica	Ensino Médio Completo
5	29 anos	Feminino	Ajuda de custos	Sem religião	Pós-graduação Mestrado
6	38 anos	Feminino	Agricultura	Católica	Ensino Fundamental Incompleto
7	70 anos	Feminino	Aposentadoria	Católica	Ensino Fundamental Incompleto
8	59 anos	Feminino	Agricultura	Católica	Analfabeta
9	54 anos	Feminino	Agricultura	Católica	Ensino Fundamental Incompleto
10	58 anos	Feminino	Aposentadoria	Católica	Ensino Fundamental Incompleto

Todavia, do grupo de entrevistadas, cinco possuem menos que trinta anos. Isso mostra que o MMC atrai um público jovem que se identifica com suas pautas e lutas. Esse comprometimento da juventude com o movimento é exemplificado sobretudo pela vida de uma das entrevistadas que se dedica exclusivamente ao MMC e fica responsável pela parte da comunicação do movimento. Por isso, para sobreviver, conta com uma ajuda de custos

proporcionada pelas mulheres que trabalham no campo. Em sua fala ela relata que a sua fonte de renda é uma colaboração, que elas chamam de ajuda de custo, que vem da parceria das próprias mulheres que estão trabalhando no campo, para cuidados na parte da comunicação do movimento. O que demonstra a preocupação do grupo no que se refere à comunicação do MMC.

O segundo grupo de mulheres entrevistadas foi constituído por mulheres com mais de trinta anos. Essas mulheres, devido ao contexto sociopolítico e econômico no qual estiveram inseridas em sua infância e juventude, vivenciaram um processo de escolarização bastante precário, com níveis de escolaridade do analfabetismo ao ensino fundamental incompleto.

Já as mulheres mais jovens do movimento, tendo vivenciado um período histórico marcado pelo maior acesso dos povos do campo à escola, tiveram um percurso de escolarização mais prolongado. Duas das mulheres pesquisadas possuem Ensino Médio completo, uma está cursando agora o terceiro ano do Ensino Médio, outra chegou a cursar o Ensino Superior, mas desistiu antes de terminá-lo e outra possui pós-graduação em nível de mestrado.

A despeito dessa melhora nas condições de acesso à escolarização vivenciada pelas pessoas do campo nas últimas décadas, continua sendo difícil para as mulheres do campo o acesso e a permanência no Ensino Superior. No caso específico das mulheres do Movimento de Mulheres Camponesas de União dos Palmares, há dois fatores que contribuem para tornar difícil esse acesso e permanência. Em primeiro lugar, destaca-se o fato de que o transporte universitário, na cidade de União dos Palmares, é pago. Isso torna-o inacessível para aqueles que estão desprovidos do recurso financeiro necessário para lidar com essa despesa. Em segundo lugar, deve-se levar em consideração que as mulheres do campo precisam dar conta de uma série de afazeres domésticos que tomam bastante do seu tempo e que, por isso mesmo, se veem desprovidas do tempo necessário para se dedicar aos estudos.

A mudança desse cenário, portanto, exige a aprovação de uma lei que garanta a gratuidade do transporte universitário em União dos Palmares, mas também exige processos de conscientização que façam os homens do campo perceberem a importância da divisão de tarefas dentro do lar para que as mulheres possam ter tempo suficiente para a sua dedicação aos estudos exigidos pela vida universitária. Para tanto, se faz necessário superar a natura-

lização da posição das mulheres enquanto responsáveis exclusivas pelos afazeres domésticos e reconhecer o caráter histórico que as relações de gênero possuem. Tais relações podem ser repensadas e modificadas diante das mudanças na própria cultura (LOURO, 1999). Nesse sentido, é necessária a inserção das mulheres em processos formativos que lhes proporcionem a consciência de sua autonomia e a compreensão de que muitas das relações que se estabelecem no ambiente doméstico estão marcados pelo machismo e, por isso mesmo, devem ser superadas.

No que concerne à fonte de renda das mulheres entrevistadas, ficou claro que parte constitutiva da renda das mesmas é fruto da comercialização dos produtos do campo. Metade das mulheres entrevistadas possui sua renda exclusiva dos produtos do campo por elas comercializados. Apenas duas das entrevistadas contam com outra fonte de renda, além daquela proporcionada pelo trabalho campestre. Uma das mulheres, embora tenha a comercialização dos produtos do campo como seu principal meio de subsistência, conta também com a ajuda financeira proporcionada pela família. Outra das entrevistadas, por sua vez, sendo aposentada, tem na venda dos produtos do campo um complemento para sua fonte de renda.

Apenas uma mulher não esclareceu qual sua fonte de renda. Ela afirmou que a mesma se dá a partir de alguns bens que ela possui, mas não chegou a elucidar quais bens seriam esses. Outra mulher vive de uma ajuda de custos proporcionada pelas mulheres do movimento e outra tem na sua aposentadoria sua única fonte de renda. A figura 1 apresenta algumas frutas da realidade campestre sendo vendidas na feira livre da cidade de São José da Laje/AL.



Figura 1: Frutas cultivadas por camponeses sendo vendidas na feira livre de São José da Laje/AL.  
Fonte: Arquivo pessoal.

O fato de muitas dessas mulheres estarem inseridas no mercado de trabalho, todavia, não tem como consequência uma total alteração das injustiças de gênero. Isso somente pode acontecer a partir de uma modificação de caráter mais amplo que alcance e proporcione uma reavaliação da estruturação da economia e da sociedade como um todo. Não acontecendo tal reavaliação, continua sendo uma necessidade na vida das mulheres a busca por tornar compatíveis o trabalho e os ciclos da vida familiar e a vivência das múltiplas jornadas de trabalho. Dessa forma, continua sendo também real a dependência e os obstáculos à participação das mulheres na vida pública (MANESCHY, 2013).

Outro problema, identificado por pesquisas sobre a divisão sexual do trabalho, diz respeito ao fato de que as mulheres seguem ocupando uma posição de subordinação diante da figura do marido. Isso faz com que o trabalho por elas realizado, muitas vezes, seja considerado uma ajuda. Essa categorização do trabalho feminino como ajuda se dá mesmo quando as mulheres trabalham tanto quanto os homens e realizam, inclusive, as mesmas tarefas. (BRUMER, 2004). Somente rompendo essa subordinação das mulheres diante de seus maridos é que se faz possível o protagonismo feminino que permita às mulheres classificarem sua atividade enquanto trabalho e se contribui para o estabelecimento de relações de gênero pautadas pela equidade. Romper esse processo de subordinação, todavia, pressupõe mudanças sociais e culturais mais profundas.

Quanto ao tempo em que fazem parte do movimento, a mais antiga, tem dez anos de atuação dentro do MMC e a mais nova tem dois anos de MMC.

Assim, conclui-se que os perfis das mulheres entrevistadas são diversos em seus variados aspectos. Há mulheres com idades diversas, níveis de escolaridade distintos, dependência maior ou menor do trabalho camponês para a constituição de sua fonte de renda e tempos diversificados de pertencimento ao Movimento de Mulheres Camponesas. Essa diversidade de perfis, longe de prejudicar o movimento, contribui para o enriquecimento do grupo e para as trocas proporcionadas por visões de mundo que, embora sejam variadas, possuem como seu ponto em comum o fato de serem marcadas pela realidade feminina e camponesa. Além disso, as mulheres possuem em comum uma memória coletiva constituída a partir de seu pertencimento ao grupo, posto que, como bem o coloca Silva (2013), citando o

pensamento de Halbwachs, a formação da memória de um indivíduo é resultado da combinação das memórias dos diversos grupos nos quais o mesmo está inserido. Isso lhe garante, para além de sua memória individual, a constituição de uma memória coletiva.

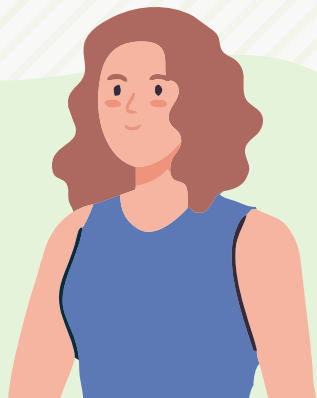
## 2 - Visão política e significado de ser uma mulher camponesa

A despeito da diferença no tempo de participação dentro do movimento, a maior parte das mulheres afirmaram que tiveram sua visão sobre política modificada ao participar do MMC. Uma das entrevistadas ressaltou em sua fala que o pertencimento ao movimento trouxe para ela uma ampliação dos horizontes, fazendo-a enxergar, dentre outras coisas, a importância da luta por políticas públicas:

*Acredito que cada mulher que começa a fazer parte do Movimento de Mulheres Camponesas muda em algum sentido. Muda para a política, muda em todos os sentidos. Porque, de certa forma, no Movimento de Mulheres Camponesas a gente se sente libertado, o momento de estar livre, de poder assumir quem você é e de buscar novos horizontes, inclusive, em políticas e políticas públicas também.<sup>2</sup>*

Oliveira e Coriolano (2020), em concordância com a fala da entrevistada, defendem a importância de tais políticas para que as famílias camponesas continuem em suas atividades de produção, preservando a singularidade de sua organização, sua cultura e a qualidade de vida no contexto rural.

Outra entrevistada afirmou que teve sua visão sobre a política modificada e passou a compreender a luta dos movimentos sociais pela terra, tendo também uma melhor compreensão das lutas desses movimentos por seus direitos: “Modificou sim, porque vejo de um modo diferente a política. Foi a partir de quando entrei no movimento que aprendi sobre as lutas dos movimentos para ter a sua terra e lutar por nossos direitos”. Assim, numa clara negação da compreensão individualista do mundo que marca o neoliberalismo, a entrevistada passou a perceber a importância da coletividade que se une para conquistar



<sup>2</sup>Entrevista concedida pela entrevistada A (09.2020). Entrevistador: Eduardo Lourenço Figueiredo. União dos Palmares, 2020.

terra e direitos possibilitadores de uma vida digna para os povos do campo.

Em um relato, uma das mulheres afirmou que pertencer ao MMC a fez perceber a presença do machismo nos espaços políticos. De acordo com ela: “Sim, antes eu não tinha uma clareza sobre o machismo, onde na política ocorre muito. No entanto, ao participar do MMC, isso fez com que eu viesse perceber isso”. Dessa forma, o pertencimento ao movimento proporcionou para a entrevistada a adoção de uma visão política que não está limitada às questões de classe em seu aspecto econômico. Antes, pensa também as questões de gênero e está apta a abordar questões que ocupam um lugar central na desnaturalização da condição e posição subalternas da mulher na sociedade, questões que se referem aos papéis sociais e culturais ocupados por homens e mulheres (ESMERALDO, 2013).

Nesse sentido, deve-se reconhecer que não basta a luta contra a exploração de uma classe por outra. Porém, caso o alvo a ser atingido seja uma sociedade sem dominadores e dominados, é importante que a luta se faça também contra todas as discriminações impostas às mulheres. (SILVA, 2013).

Outra pesquisada, no entanto, afirmou que sua participação no MMC fez com que ela entendesse não somente o machismo presente no espaço político, mas também o racismo e a estrutura opressora presente em nossa sociedade:

*Sim, com certeza, sim. Uma, me ajudou a amadurecer o pensamento. Eu tava saindo da adolescência. Tinha meus dezesseis, dezessete anos quando comecei a conhecer... Dezoito. Hoje tenho meus vinte e nove. Então, dentro desse tempo a gente aprende muita coisa. Em especial, a reconhecer a sociedade em que vivemos, que tem toda uma estrutura de reprodução de um sistema que é machista, racista e que, por fim, essas estruturas do capitalismo. Então, o que as mulheres sofrem a opressão em diferentes esferas sociais, em diferentes escalas. Não têm reconhecimento do trabalho. O que faz é considerado como ajuda. Tem horas de trabalho, de exploração do trabalho não reconhecida socialmente, além da violência sexual, doméstica, entre outros tipos de violência estruturais dessa sociedade, desse sistema. Então, claro que muda. Antes, eu não tinha essa visão, nem tinha esse amadurecimento pela falta de até, de leituras políticas, de conversa, de formação e o Movimento me possibilitou conhecer não só a essa sociedade, mas como nos fortalecer enquanto mulheres.<sup>3</sup>*



<sup>3</sup>Entrevista concedida pela entrevistada E (09. 2020). Entrevistador: Eduardo Lourenço Figueiredo. União dos Palmares, 2020.

Assim, é possível dizer que, no caso da pesquisada, seu pertencimento ao Movimento de Mulheres Camponesas possibilitou a superação de uma visão fragmentada da realidade social e lhe forneceu o instrumental teórico para uma compreensão sistêmica do real que a fez perceber os diversos aspectos, interligados entre si, conservadores das injustiças e desigualdades sociais ainda presentes em nosso país.

Outra entrevistada afirmou que a mudança acontecida em sua compreensão sobre a política se deu a partir de um maior interesse em lutar por seus direitos e relatou também um pouco das mudanças ocorridas em nossa sociedade atualmente. Ressaltou que, antes, a mulher não podia ocupar um espaço no cenário político. Mas, atualmente, já pode. "Sim, mudou várias coisas. Em primeiro lugar, a saúde, que a gente luta por nossos direitos. A mulher que não podia ficar no poder e hoje pode".

Dessa forma, a luta pelos direitos é fortalecida, na concepção da entrevistada, pelo fato de que já não se faz mais impossível que as mulheres ocupem posições de comando dentro da sociedade. A possibilidade das mulheres adentrarem o cenário político e exercerem cargos nesse mesmo cenário é um elemento que serve de estímulo para que as mulheres continuem visando modificações na realidade social que as favoreçam. Trata-se de uma realidade que aponta para o fato de que mudanças estruturais ainda maiores e que produzam cada vez mais dignidade para as vidas das mesmas são efetivamente realizáveis.

Outra pesquisada, depois de apontar os aspectos que ela considera negativos na política, principalmente o fato de que os políticos somente demonstram interesse pelos trabalhadores em período eleitoral, afirmou que aprendeu com o movimento que a mulher é portadora de liberdade e ressaltou que a sua própria trajetória tem como marca o fato dela ter sido sempre uma mulher livre, capaz de sustentar a si mesma e aos seus filhos por meio de seus próprios esforços.

*Acredito que cada mulher que começa a fazer parte do Movimento de Mulheres Camponesas muda em algum sentido. Muda para a política, muda em todos os sentidos. Porque, de certa forma, no Movimento de Mulheres Camponesas a gente se sente libertado, o momento de estar livre, de poder assumir quem você é e de buscar novos horizontes, inclusive, em políticas e políticas públicas também.\**

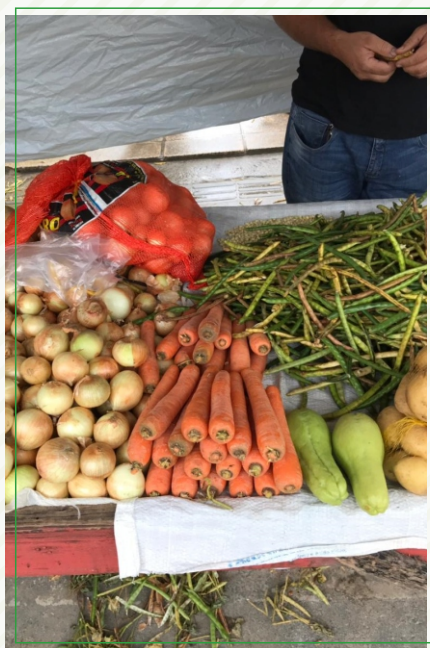


\*Entrevista concedida pela entrevistada G (02.2021). Entrevistador: Eduardo Lourenço Figueiredo. União dos Palmares, 2021

Outra das mulheres também deu ênfase à questão da liberdade, dizendo que o que melhorou, a partir de sua participação dentro do movimento, foi o fato de que ela e as outras mulheres alcançaram uma maior liberdade: “Para mim, melhorou. Assim, porque nós ficamos mais libertas, ganhamos mais liberdade”.

É interessante notar como o conceito de liberdade aparece de modo distinto nas falas das mulheres entrevistadas. Na fala de uma das entrevistadas, a liberdade está relacionada à autonomia no âmbito econômico, à capacidade de poder suprir as próprias necessidades econômicas e as de seus familiares. Já a outra entrevistada associa a ideia de liberdade à autonomia nas decisões e ao fato de poder se expressar livremente. Esses dois aspectos da liberdade são, por vezes, garantidos a partir da participação no Movimento de Mulheres Camponesas, posto que há tanto um trabalho na agricultura que vai ajudando as mulheres a conseguirem a autonomia econômica, por meio da

venda dos produtos do campo, quanto a construção de um espaço dialógico e de tomadas de decisões coletivas dentro do movimento que garante-lhes uma participação na qual a autonomia das mulheres é exercitada. O movimento, portanto, contribui para a superação da negação da autonomia da mulher e da invisibilidade a qual estiveram submetidos seu trabalho e suas potencialidades, mesmo no contexto campesino (MENEZES; GASPARETO, 2013). O pertencimento ao Movimento de Mulheres Camponesas proporciona às mulheres um maior engajamento e participação no cenário público que se expressa em participações em feiras, para a venda dos produtos por elas comercializados, encontros, eventos e manifestações em defesa de seus direitos. Fazer parte do grupo de



*Figura 2: Diversos produtos da realidade campesina sendo comercializados na feira livre de São José da Laje/AL.*

*Fonte: Arquivo pessoal.*

mulheres implica, portanto, numa maior valorização das capacidades laborativas, sociais e políticas de suas integrantes. Na figura 2, temos alguns produtos da realidade campesina sendo comercializados na feira livre da cidade de São José da Laje/AL.

Uma das pesquisadas falou sobre o fato de que o pertencimento ao MMC lhe ajudou na luta por seus direitos. Mais especificamente, ela falou sobre o fato de ser capaz de conseguir direitos na área da saúde aos quais ela não tinha acesso: "Um pouco. Que hoje a gente luta por nossos direitos e consegue os exames que de primeiro a gente não tinha: exame da mama, ultrassom, raio x, tudo". Nesse ponto, aparece como problemático o fato de que direitos tão elementares somente possam ser conseguidos a partir de uma luta coletiva das mulheres para que os mesmos se concretizem em sua realidade. Aquilo que deveria ser assegurado a qualquer cidadão acaba se fazendo possível para as mulheres do campo apenas por meio de muita pressão exercida sobre aqueles que exercem o governo local e, assim, o descaso para com os sujeitos do campo é revelado na fala da entrevistada.

Outra pesquisada ressaltou os aspectos negativos da política para os quais ela começou a voltar sua atenção após seu pertencimento ao Movimento de Mulheres Camponesas:

Nesse sentido, se faz importante afirmar que a desilusão das mulheres com relação à política não tem significado a adoção de um posicionamento apolítico. Muito pelo contrário, as mulheres do movimento, de modo geral, continuam interessadas no envolvimento em prol do bem público e seguem dialogando e pressionando autoridades políticas para que direitos sejam garantidos e tornem-se reais na vida da comunidade campesina.

*Sim. Eu hoje enxergo a política que o político só enxerga o agricultor quando tem tempo de eleição. Quando passa a eleição, esquece que o agricultor existe. Na minha visão, é essa que eu vejo. Às vezes precisa de uma ajuda e eles não ajudam. A minha visão que eu vejo a política é essa<sup>9</sup>*



<sup>9</sup>Entrevista concedida pela entrevistada J (02.2021). Entrevistador: Eduardo Lourenço Figueiredo. União dos Palmares, 2021.

Somente uma das pesquisadas disse que não teve sua visão sobre a política modificada a partir de sua participação no MMC. Esse fato parece indicar uma não participação e engajamento, por parte da entrevistada, com as questões políticas desenvolvidas dentro do movimento. Tal postura, por sua vez, reflete um jeito de lidar com a desilusão política diferente daquele adotado pela maior parte das mulheres que fazem parte do grupo. Contudo, esse jeito de lidar com a desilusão política, de algum modo, se faz coerente com o momento histórico que estamos vivendo que, como o colocam Tomizaki e Daniliauskas (2018), é marcado por um comportamento de desconfiança em relação à eficiência das democracias representativas.

Os dados analisados mostram o quanto o movimento foi importante, para a maior parte das mulheres entrevistadas, em sua interpretação do real e das estruturas políticas em que vivemos. Podemos dizer que o Movimento de Mulheres Camponesas se constitui como um espaço inegável de educação não-formal em que a questão política aparece de forma marcante na formação das mulheres pertencentes ao Movimento. Essa é uma característica importante do MMC. Pois, como o coloca Fischer (2006), a ação política das mulheres tem o poder de romper com a cortina da invisibilidade pública.

Outro dado interessante é que, a despeito de ter mais ou menos tempo dentro do movimento, todas as mulheres apresentaram uma resposta para a pergunta acerca do significado de ser uma mulher do campo. De modo geral, porém, as entrevistadas atribuíram significados distintos ao fato de ser uma mulher camponesa.

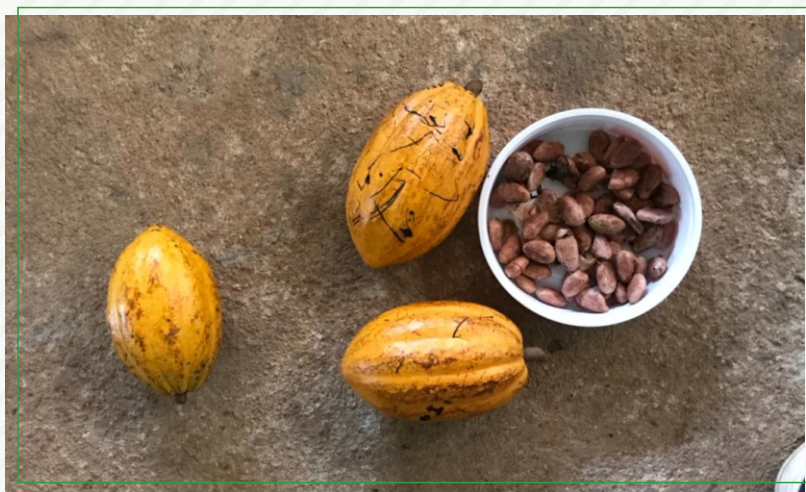
As diferentes respostas dadas sobre o significado de ser uma mulher camponesa, no entanto, não podem nos conduzir a uma interpretação individualista do processo de construção das mesmas. Tais respostas, sendo construídas também a partir do uso da memória das entrevistadas, têm sua fonte numa relação de pertença ao grupo. Pois, como o indicam Shmidt e Mahfoud (1993), falando sobre o pensamento de Halbwachs, a memória individual deve ser entendida como um ponto em que convergem e se articulam diferentes influências sociais.

Assim, uma das entrevistadas apresentou a mulher camponesa como sendo sobretudo uma guardadora de sementes e alguém envolvido com uma produção orgânica:



*Para mim, ser mulher camponesa é ser uma mulher mais aberta, ser uma mulher guardiã de sementes, ser uma mulher da produção orgânica, ser uma mulher que está ali lidando com outras mulheres. É contar a história, porque quando a gente passa a ser mulher camponesa a gente passa a ter uma libertação mais livre. Começa a falar melhor com as pessoas. Aprende a dividir o que se sente uma com a outra. Ser mulher camponesa, para mim, é ser uma pessoa que transforma, que gera o alimento, que leva o de comer para muitas mesas<sup>6</sup>*

Abaixo, a figura 3 mostra o cacau e as sementes preservadas do mesmo para a próxima safra.



*Figura 3: Cacau cultivado pelas mulheres camponesas e suas sementes preservadas para a safra seguinte.  
Fonte: Arquivo pessoal.*

Esse modo de apresentar a mulher camponesa, enquanto alguém envolvido com uma produção orgânica, revela o compromisso da mesma com um novo paradigma de produção que, interessado em colocar a comida na mesa das pessoas, já não possui nenhum vínculo com o paradigma convencional, visto que reconhece a crise na qual está inserido o paradigma contempo-

<sup>6</sup>Entrevista concedida pela entrevistada A (09.2020). Entrevistador: Eduardo Lourenço Figueiredo. União dos Palmares, 2020.

râneo. Essa crise é, na verdade, uma crise civilizacional (MENEZES, et al., 2020). Trata-se de uma crise que atinge a humanidade como um todo em seus mais diversos níveis e que, de forma especial, se revela nos mais diversos problemas ambientais produzidos por tal modo de produzir na contemporaneidade. Problemas esses que colocam em risco o futuro não somente de toda a humanidade, mas de toda a biodiversidade presente em nosso planeta. Por isso, um modo de produzir orgânico deve buscar os meios para superar os graves problemas ambientais, sociais e culturais que afetam a realidade da nossa civilização.

Outra pesquisada ressaltou, em sua resposta, o papel da mulher camponesa enquanto alguém que luta por direitos iguais: "Para mim, ser mulher camponesa é correr atrás daquilo que a gente merece e sempre estar em luta pelos direitos iguais". Tal resposta enfatiza o aspecto sociopolítico presente na atuação do Movimento de Mulheres Camponesas e revela como esse aspecto afeta o modo como as mulheres interpretam a si mesmas. Trata-se do reconhecimento de que ser uma mulher camponesa é, entre outras coisas, estar envolvida na busca por assegurar às mulheres o alcance de seus direitos e a superação das desigualdades de gênero que, inegavelmente, ainda colocam a mulher numa posição de submissão diante da figura masculina.

Por sua vez, outra entrevistada afirmou que ser uma mulher camponesa é tirar o sustento de seu próprio esforço e trabalhar sem o uso de agrotóxicos: "Trabalhar na roça, plantar e colher alguns alimentos para o consumo e para vender também e plantar alimentos saudáveis que não afeta nossa vida, sem agrotóxicos. Tirar meu sustento do próprio esforço". Nessa resposta, aparecem juntas tanto a autonomia econômica quanto a preocupação com uma produção que não afete negativamente a vida das pessoas. Nesse sentido, longe de acreditar que somente o modo de agricultura convencional pode proporcionar o crescimento econômico, a entrevistada defende a ideia de que uma produção saudável, livre de agrotóxicos, pode também proporcionar uma fonte de renda para aqueles que estão envolvidos com esse modelo de agricultura.

Outra pesquisada falou sobre a mulher camponesa como sendo alguém que, além de cuidar da alimentação familiar, pode conquistar espaços, tanto no campo quanto em qualquer outro lugar que ela se disponha a conquistar:

*Ser uma mulher camponesa é cuidar da alimentação familiar, plantar, cultivar, guardar as sementes. Ser camponesa é uma diversidade de função, ser livre para poder conquistar tudo aquilo que se almeja tanto no campo quanto em todo lugar ao qual pensamos em conquistar.<sup>7</sup>*



É ressaltada, então, a capacidade da mulher de conquistar espaços. Isso pode ser entendido tanto em termos profissionais quanto no sentido da participação no cenário político. Esse segundo sentido, por sua vez, assume uma importância maior, posto que a participação das mulheres na vida pública e na decisão das políticas públicas para os povos do campo é de importância fundamental para que as mesmas se sintam participantes dessa luta social que tem como objetivo a construção de um modo de produzir que tem como base a produção familiar/camponesa/indígena (SILIPRANDI, 2013).

Outra mulher, por outro lado, ressaltou que a mulher camponesa é uma construtora de saberes e possui como missão alimentar não somente a fome em seu aspecto material, mas também alimentar outras mulheres na solidariedade e na luta por libertação.

*Ser mulher camponesa para mim é ser semente, metaforicamente falando é ser semente, é ter uma missão. Semente no sentido de que nós estamos aqui não só para produzir alimento, mas também para produzir saberes, conhecimentos, nos fortalecer e continuar com essa missão de produzir e de alimentar. Um alimentar não só a questão da fome, mas alimentar uma à outra, nas energias, no conhecimento, na mística, na formação social, na construção, na solidariedade e na libertação uma da outra. Ser camponesa é tocar a terra, mas é tocar também o conhecimento e a ancestralidade que é indígena, que é quilombola, que é mestiça, que é todas as nossas tradições e história social.<sup>8</sup>*



<sup>7</sup>Entrevista concedida pela entrevistada D (09.2020). Entrevistador: Eduardo Lourenço Figueiredo. União dos Palmares, 2020.

<sup>8</sup>Entrevista concedida pela entrevistada E (09.2020). Entrevistador: Eduardo Lourenço Figueiredo. União dos Palmares, 2020.

Essa compreensão da mulher camponesa carrega consigo uma valorização do patrimônio imaterial construído pelas mulheres do campo. Não é só o corpo que precisa de alimento, mas também o espírito, a mente. Esse alimento, por sua vez, é passado de geração a geração por meio dos saberes populares que o povo do campo produz e tem como sua inegável marca o sentimento de solidariedade que une esse povo e o objetivo maior de conduzir as pessoas camponesas à libertação. São saberes, memórias e experiências que marcam a vida das pessoas do campo e que se colocam como indispensáveis para a sua realização pessoal. Em estado de isolamento, não é possível para o indivíduo construir qualquer tipo de experiência nem manter qualquer tipo de registro sobre o passado (SILVA, 2013). Por isso, a comunidade, no alimento do espírito que oferece, é tão importante para o indivíduo.

Outra entrevistada, revelando certo orgulho em ser uma mulher camponesa, declarou apenas que ser uma mulher do campo é algo muito especial, muito bom: "É muito especial. É muito bom ser uma mulher camponesa". Isso faz perceber como a participação no Movimento de Mulheres Camponesas afeta positivamente a autoestima das mulheres, dando-lhes um maior senso de dignidade e de valorização da própria imagem.

De acordo com um dos relatos, ser mulher camponesa significa ser uma mulher que gosta de trabalhar: "Significa que eu gosto muito de trabalhar. De manhã, planta seu feijão, sua batata. Quando quer ir buscar na roça, só é ir buscar e colocar no fogo".

Outra pesquisada, por sua vez, ressaltou que ser uma mulher camponesa é ser uma mulher guerreira: "Eu gosto de ser uma mulher camponesa, porque eu me criei na roça e sinto que sou uma mulher guerreira, graças a Deus".

Uma das entrevistadas também ressaltou a importância do trabalho enquanto elemento definidor da mulher camponesa. Segundo a entrevistada, ser uma mulher camponesa equivale a ser uma trabalhadora:

*Eu sou muito orgulhosa do que eu faço, da minha luta pela roça. Amo muito trabalhar. Gosto mesmo. De manhã, tomar um cafezinho e ir para a roça... Gosto muito de trabalhar na agricultura. Ser uma mulher camponesa é ser trabalhadora.<sup>9</sup>*



<sup>9</sup>Entrevista concedida pela entrevistada I (02.2021). Entrevistador: Eduardo Lourenço Figueiredo. União dos Palmares, 2021.

Outra entrevistada, por fim, definiu a mulher camponesa como sendo guerreira e trabalhadora: “Mulher camponesa quer dizer que são guerreiras, trabalhadoras, gosta de plantar e colher o que planta”.

No que concerne a essas respostas, é importante dizer que elas, de um modo geral, apresentam visões distintas, mas não contraditórias, sobre o significado de ser uma mulher do campo. Em alguns casos, na verdade, as respostas foram aproximadas e se revelaram como complementares umas às outras. Elas, embora estejam relacionadas com memórias que se constroem a partir da articulação entre diferentes influências sociais e, portanto, não devam ser interpretadas de uma maneira puramente individualista, nos fazem refletir também sobre esse aspecto de personalidade que envolve todo o processo de interpretação do real e que se revela naquilo que mais ou menos afeta o sujeito em sua subjetividade. Nem todas as mulheres são afetadas da mesma forma pelas mesmas questões colocadas pelo MMC. Cada uma, de modo particular, sente-se mais afetada por uma ou outra questão que, por assim dizer, mais lhe comove.

### 3 - Saberes sobre o uso da terra e projeto de sociedade

A pergunta sobre quais saberes sobre o uso da terra seriam essenciais para uma mulher camponesa foi respondida por uma das entrevistadas citando a importância de saber guardar as sementes e cultivar de forma saudável o solo.

*Para mim, os dois pontos que é a linha para a gente seguir é a forma correta de guardar as sementes, que a gente colhe ela, escolhe uma por uma, tira os melhores grãos para que na próxima safra eles germinem e dê mais bons frutos ainda. É saber guardar a semente, tirar a semente, secar, passar o barro vermelho nela peneirado, guardar nas garrafinhas lacradas para ser semeado na outra safra. Então, para mim, é guardar a semente e também, além de guardar a semente, é saber cultivá-la, porque não adianta plantar sem ter o cultivo, o cultivo correto. O cultivo, quando ele é feito com amor, o alimento ele serve bem melhor para nossa mesa.<sup>10</sup>*



Tais métodos, apresentados pela entrevistada, dizem respeito a um modo de produção em que as mulheres se colocam como guardiãs das sementes crioulas<sup>11</sup>. As mesmas são preservadas a partir de uma série de ações das mulheres que vão, como visto, desde o ato de secar as sementes até o ato de guardá-las em garrafinhas para delas fazer uso na safra seguinte. Temos, portanto, um processo em que se preservam as sementes a partir de práticas que conservam a harmonia com o meio ambiente. A importância de guardar essas sementes está relacionada, primeiro, com a preservação de um patrimônio biodiverso para as futuras gerações que, dado o atual monopólio das sementes híbridas, está cada vez mais escasso. As sementes crioulas são sementes nativas fundamentais também para a garantia de uma alimentação saudável. Por isso, sua conservação é de extrema importância para o contexto camponês, para a produção alimentícia nacional como um todo e para a preservação do patrimônio genético local.

<sup>10</sup> Entrevista concedida pela entrevistada A [09.2020]. Entrevistador: Eduardo Lourenço Figueiredo. União dos Palmares, 2020.

<sup>11</sup> Trindade (2006) diz que as sementes crioulas são as variedades poduzidas por agricultores familiares, quilombolas, indígenas ou assentados da reforma agrária. As mesmas possuem características reconhecidas pelas comunidades que as cultivam e são passadas de geração em geração, apresentando importância econômica, social e ambiental para as comunidades.

Outra entrevistada, apresentando uma resposta mais curta e deixando de citar a questão da preservação das sementes, por sua vez, afirmou que, além do amor e cuidado para com a plantação, é importante preservar um cultivo do solo sem o uso de produtos químicos que o prejudiquem.



*A terra para a gente que é camponês, que mexe com a terra, a terra não é só chegar, plantar e colher. Ela precisa de cuidado, precisa de amor, porque se você não tiver amor para plantar, você também não vai ter amor para cuidar dela. É muito importante, para a plantação dela, não levar adubo. Porque, se levado, não vai ter uma plantação saudável. Você pode ter uma plantação boa, mas não é saudável. Camponeses que mexe com a terra, sim, coloca adubo, mas não esses adubos que prejudica a terra e também que pode prejudicar até a saúde de quem vai adquirir aquela alimentação. É como eu falei, para mim o mais importante é mexer com a terra e não utilizar nenhum produto químico nela para que também não possa prejudicar não só a terra, mas também o solo dela.<sup>12</sup>*

A seguir, a figura 4 mostra as sementes crioulas devidamente conservadas em garrafas de plástico:



Figura 4: Sementes crioulas guardadas em garrafas de plástico.  
Fonte: Arquivo pessoal.

<sup>12</sup>Entrevista concedida pela entrevistada B [09.2020]. Entrevistador: Eduardo Lourenço Figueiredo. União dos Palmares, 2020.

Numa linha de raciocínio parecida, outra pesquisada, afirmou como saberes importantes para as mulheres do campo o preparo da terra para que o alimento seja saudável e o desenvolvimento de um trabalho em que jamais sejam utilizados agrotóxicos:

*Temos que preparar a terra para que os alimentos seja saudável. Aprendemos de geração em geração como tratar a terra e nossas sementes, mas também aprendemos com nossas companheiras na formação, porque sempre há troca de experiências e jamais usar agrotóxicos, porque defendemos a agroecologia.<sup>13</sup>*

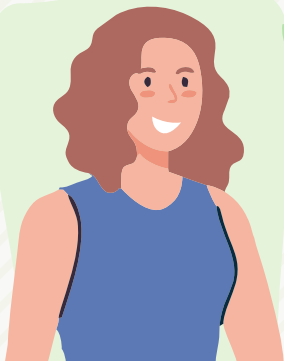


Outra mulher ressaltou, de forma semelhante ao que fez uma das entrevistadas, a importância de saber guardar as sementes para delas fazer uso na safra seguinte. A originalidade de sua resposta, no entanto, está no fato de que ela salientou que o ato de saber guardar as sementes está estreitamente vinculado com a possibilidade de preservação da própria comunidade, com toda sua cultura e modo de vida:

Apresentando uma resposta mais simplificada, uma das pesquisadas disse que os saberes mais importantes para uma mulher do campo relacionam-se com o cultivo e cuidado para com a terra para que, desse modo, se produza um alimento saudável: "Cultivar e cuidar da terra, porque se não for cultivada e cuidada, não tem como a alimentação nascer saudável".

Essas respostas apontam para um cuidado e preocupação com o meio ambiente que são efetivamente entendidos como essenciais quando analisadas as condições atuais de nossa existência. Como bem o coloca Reis (2020), é a partir das relações que são estabelecidas com o ambiente e com a produção agrícola que a humanidade irá colher destinos favoráveis ou não para a realidade atual e, pode-se acrescentar, para as gerações futuras.

<sup>13</sup> Entrevista concedida pela entrevistada C (09.2020). Entrevistador: Eduardo Lourenço Figueiredo. União dos Palmares, 2020.



*Saberes essenciais? Acho que são todos essenciais para que a gente possa continuar existindo e resistindo. É, mas o guardar semente é uma ancestralidade que, desde as culturas indígenas, quilombolas, em especial da nossa região, que é uma região de tanta ancestralidade, nos fortalece e nos mostra como continuar, que é a questão de guardar para continuar plantando. Não comer tudo de uma vez e não plantar tudo de uma vez, mas sempre guardar um pouco de semente para a próxima plantação, para o próximo plantio. Isso garante com que as nossas comunidades continuem tendo suas sementes, continuem tendo suas safras, continuem tendo suas culturas, continuem tendo sua identidade, tendo sua... suas sementes e sendo sementes.<sup>14</sup>*

Essa resposta aponta para a importância da ancestralidade e das memórias na constituição e fortalecimento das mulheres enquanto grupo camponês, ligado às culturas indígenas e quilombolas. Ela concede destaque ao fato de que a memória é elemento essencial na constituição da identidade do grupo (LE GOFF, 1990). O ato de guardar as sementes é entendido não somente num contexto relacionado ao trabalho e produção agrícola, mas é antes relacionado a práticas que ajudem na conservação da memória das mulheres camponesas e, conseqüentemente, na preservação de sua identidade.

Uma das mulheres, não entrando em detalhes sobre o modo de plantio e cultivo típico das mulheres do campesinato, disse que o mais importante é saber plantar e colher: "A plantação. Saber plantar, colher, etc." Tal resposta, aparentemente simples, revela aquilo que é a grande preocupação das mulheres camponesas e que é de fundamental importância para que elas continuem existindo: o plantio e a colheita dos alimentos. E, embora essa entrevistada não tenha sido detalhista na apresentação dessas práticas camponesas, é possível deduzir que a sua fala carrega em si o compromisso com uma produção que respeite o meio ambiente e contribua com sua preservação.

Outra entrevistada, além de falar sobre a importância de saber plantar de um modo geral, citou a importância de saber plantar aquilo que serve para fazer chá: "O importante é saber plantar o milho, feijão, macaxeira, batata, verdura. Esses negócios de fazer chá e cuidar da terra, afogar com a mão e,

<sup>14</sup>Entrevista concedida pela entrevistada E [09.2020], Entrevistador: Eduardo Lourenço Figueiredo, União dos Palmares, 2020.

assim, é muito bom". A fala da entrevistada revela, portanto, aquilo que ela considera como sendo mais importante para ser cultivado.

Três pesquisadas deram respostas bastante semelhantes. Todas falaram sobre a importância de saber plantar e expuseram alguns produtos do campo cujo cultivo julgam mais importante. Assim, nas palavras de uma das entrevistadas: "O mais importante é plantar lavoura: plantar milho, plantar feijão, plantar batata, macaxeira e inhame, verdura. Aí é muito importante". Nas palavras de outra entrevistada, no entanto, também é importante saber limpar a terra e queimar o mato para poder efetivar o plantio: "Plantar, limpar a terra, queimar o mato, plantar o feijão, a batata, a macaxeira, feijão de corda". Outra pesquisada falou sobre a importância de saber realizar o plantio e acrescentou a pimenta de cheiro como um produto do campo que é importante que as mulheres saibam plantar: "É saber plantar o milho, o feijão de corda, a batata, a verdura, pimenta de cheiro". A seguir, a figura 5 mostra uma plantação de feijão efetivada pelas mulheres camponesas.

Assim, em todas as respostas dadas à questão sobre os saberes considerados essenciais para uma mulher camponesa, aparecem como fundamentais os saberes relativos ao plantio e cultivo do solo. Essas respostas, por sua vez, se apresentam de forma bastante variada. Há tanto relatos mais detalhados sobre o modo de guardar as sementes e os cuidados que se deve ter para com a terra quanto relatos mais simples que apenas dizem que o mais importante é saber plantar e cultivar o solo. Mesmo as respostas mais simples, porém, carregam consigo a ideia, arraigada na mentalidade camponesa, de que a terra precisa ser respeitada, tratada com amor, cuidada e preservada.



*Figura 5: Plantação de feijão cultivada por mulheres camponesas.  
Fonte: Arquivo pessoal.*

Quanto à questão da compatibilidade entre o modo de produzir típico do campesinato e o modo de produzir dos grandes produtores, as mulheres entrevistadas foram unânimes em afirmar que não há nenhum tipo de compatibilidade entre os dois modos de produção. Uma das mulheres falou sobre a falta de cuidado dos grandes produtores para com a terra. Para exemplificar sua afirmação, ela citou o uso excessivo de maquinário, a poluição do ar e o uso de veneno nas plantações dos grandes produtores:

*Não tem nem o que comparar, porque os grandes produtores a gente vê aí os maquinários trabalhando vinte quatro horas dentro, sem contar que tá poluindo o nosso ar com os maquinários; segundo, o uso de adubos químicos dele é inúmero, o uso de produtos de veneno sai-se da conta e a nossa produção camponesa não. Ela tem o cuidado com a terra, o cuidado com o outro e o cuidado com si. Então, produzir de forma justa, limpa, orgânica, sem veneno nenhum não tem nem para quê comparar, nem como comparar com a produção dos grandes produtores.<sup>15</sup>*



Outra entrevistada insistiu no mesmo ponto afirmado pela entrevistada anterior e também citou como elemento que torna incompatível os dois modos de produzir a falta de cuidado para com a terra presente na atuação dos grandes produtores. De acordo com as palavras da pesquisada, os grandes produtores, interessados apenas no lucro, não se importam se a terra se manterá saudável ou não:

*Não. É totalmente diferente porque os grandes produtores, eles não têm o amor que os camponeses têm pela terra. Porque ele só pensa em lucros. Ele não se importa se a terra ela vai ficar saudável ou não. Para ele, tendo lucros, é o que importa. É por isso que eles utilizam muito os produtos químicos. E os camponeses, eles se preocupa muito com o bem estar da terra, porque se a terra ela estiver saudável, ele sabe que vai ter um fruto saudável e eles não plantam só por plantar. Eles plantam por amor, que é o mais importante: você ter amor por aquilo que você vai adquirir. Eles também utilizam muito máquina e as máquinas elas não faz bem para plantação.<sup>16</sup>*



<sup>15</sup> Entrevista concedida pela entrevistada A [09.2020]. Entrevistador: Eduardo Lourenço Figueiredo. União dos Palmares, 2020.

<sup>16</sup> Entrevista concedida pela entrevistada B [09.2020]. Entrevistador: Eduardo Lourenço Figueiredo. União dos Palmares, 2020.

Por sua vez, outra das mulheres insistiu no fato de que o único interesse que move as ações dos grandes produtores é a busca pelo lucro e também citou o uso de agrotóxicos como sendo o grande diferenciador entre o modo de produzir dos mesmos e o modo de produzir das mulheres camponesas:

*Não. Muito diferente. Nós defendemos a agricultura familiar sem isso de agrotóxico. Os grandes produtores só ligam para o agronegócio, para ele não importa se afeta a terra, os alimentos, devido o uso de agrotóxicos. Eles só ligam para o lucro.<sup>17</sup>*



Outra entrevistada, de forma semelhante, falou sobre o uso de agrotóxicos presente no modo de produzir dos grandes produtores e afirmou também que a grande diferença entre o citado modo de produzir e o modo de produzir do campesinato estaria no cultivo da terra a partir de métodos naturais realizado pelas mulheres do campo: “Não. São bastante diferentes. A terra que nós mulheres camponesas cultivamos são com métodos naturais e a dos grandes produtores são com métodos diferentes, com agrotóxicos”.

Outra pesquisada afirmou que os grandes produtores produzem por meio da devastação do solo, do uso excessivo de veneno, compromissados apenas com o mercado e se dedicando à monocultura. Segundo ela, tudo isso torna a forma de produzir deles incompatível com a forma de produzir das mulheres do campo:

*Não. Tem muita diferença. Os grandes produtores, eles produzem com... através do agronegócio, com o uso abusivo de veneno, com desmatamento em massa, com devastação do solo, com produção em larga escala, com o sentido apenas do mercado. A agricultura camponesa e familiar, ela produz em pequena escala e uma diversidade imensa de coisa. A grande produção produz a monocultura. A gente produz a diversidade. Em um hectare de terra você vai encontrar laranja, banana, limão, manga, coentro, cebolinha, alface, tomate, pepino, pimentão, galinha e toda uma diversidade, além das hortaliças, as raízes, a batata, a mandioca, o inhame. Enquanto um agronegócio, a agricultura do grande negócio, vai plantar, grandes hectares, quinze hectares, vinte hectares, de uma coisa só, que é só soja, só milho, só cana e isso gera o que a gente vê: a escravidão, a dependência de uma terra e tantos com muito e tantos sem nada. Então, nem se compara. É muito diferente a metodologia da produção.<sup>18</sup>*



<sup>17</sup> Entrevista concedida pela entrevistada A [09.2020]. Entrevistador: Eduardo Lourenço Figueiredo. União dos Palmares, 2020.

<sup>18</sup> Entrevista concedida pela entrevistada E [09.2020]. Entrevistador: Eduardo Lourenço Figueiredo. União dos Palmares, 2020.

Abaixo, a figura 6 mostra a variedade de culturas cultivadas pelas mulheres camponesas no Assentamento Padre Emílio em União dos Palmares.



Figura 6: Diversas culturas presentes no Assentamento Padre Emílio, em União dos Palmares/AL.  
Fonte: Arquivo pessoal.

Outra das mulheres pesquisadas, de forma bastante simplificada, afirmou que a incompatibilidade entre o modo de lidar com a terra dos grandes produtores e o modo de lidar com a terra das mulheres camponesas estaria no uso de agrotóxicos por parte dos grandes produtores: "É muito diferente. Eles usam agrotóxicos e a gente não. Lá é uma coisa diferente. Aqui a gente trabalha de enxada". Obviamente, esse uso intensivo de agrotóxicos é consequência do modo de produzir introduzido pela Revolução Verde, iniciada entre as décadas de 1960 e 1970, que tinha como objetivo a maximização do lucro e que, para alcançar essa maximização, fazia com que os grandes produtores investissem num modelo de produção desprovido de compromissos com a preservação ambiental.

Segundo outra entrevistada, no entanto, o que torna incompatível o modo de lidar com a terra dos grandes produtores e o modo de lidar com a terra das mulheres camponesas é o fato de que aquilo que é plantado pelos dois grupos é diferente e também o fato de que, enquanto os grandes produtores produzem apenas visando o lucro, as mulheres camponesas produzem para comer e para ajudarem a quem necessita:

*Não, tem diferença. Porque o grande produtor planta outras coisas e a gente a lavoura que quer: o feijão, a batata... O grande produtor quer plantar cana, quer plantar outras coisas. E a gente planta para comer e ajudar a quem precisa e eles pensam só no dinheiro.<sup>19</sup>*



Outra pesquisada, repetindo o que já havia sido afirmado por outras entrevistadas, também citou o uso de veneno e o lucro enquanto único objetivo dos grandes produtores como sendo aquilo que torna incompatível o modo de produzir daqueles que produzem em larga escala com o modo de produzir das mulheres do campo:

<sup>19</sup>Entrevista concedida pela entrevistada G [02.2021]. Entrevistador: Eduardo Lourenço Figueiredo. União dos Palmares, 2021.



*É diferente. Que nem o fornecedor de cana. Só quer botar veneno na terra e plantar cana e só se lembra do lucro para ele, para nós não. Ai, nós plantando, nós tem lucro também e ele, o lucro dele só fica para ele mesmo, não vem para nós.<sup>20</sup>*

De acordo com outra pesquisada, porém, a única incompatibilidade existente entre os dois modos de produzir se faria visível no fato de que os grandes produtores possuem meios de produzir dos quais as mulheres camponesas estão desprovidas: "É diferente, porque eles têm todas as estruturas. Tem a irrigação, tem o trator para arar e tudo. A gente não tem. Só tem as mãos, os braços, para limpar com a enxada". Abaixo, a figura 7 uma enxada, principal instrumento de trabalho das mulheres camponesas.



Figura 7: Enxada utilizada pelas mulheres camponesas para o trabalho na roça.

Fonte: Arquivo pessoal.

Outra entrevistada seguiu uma linha de raciocínio bastante parecida com a da entrevistada anterior e também afirmou que os grandes produtores estão providos de meios de produzir aos quais as mulheres não têm acesso. Isso marcaria, assim, a incompatibilidade entre o modo de produzir dos grandes produtores e o modo de produzir das mulheres do campo: "Ele é diferente. Porque os grandes produtores têm irrigação e a gente não tem a irrigação. Água a verdura, uma lavoura, com o agudador. Esse tipo de irrigação a gente não tem".

<sup>20</sup>Entrevista concedida pela entrevistada H [02.2021]. Entrevistador: Eduardo Lourenço Figueiredo. União dos Palmares, 2021.

Os sistemas convencionais de produção, então, são denunciados, pela maioria das mulheres, em sua servidão ao sistema socioeconômico vigente, uma vez que os mesmos são compreendidos como sistemas que têm como objetivo o lucro a qualquer custo. Também são denunciadas suas práticas, tais como o uso excessivo de produtos químicos e o uso excessivo de máquinas. Ambas as práticas, na verdade, estão associadas a uma relação com o meio ambiente que contribui para a sua degradação, visto que tanto o uso de maquinário pesado quanto o uso excessivo de produtos químicos acabam por prejudicar o solo e criar problemas para o ecossistema.

Dessa forma, é possível dizer, como o faz Reis (2020), que o agronegócio é caracterizado por uma prática predatória em sua relação com o meio ambiente, não havendo nenhuma responsabilidade ecológica em suas práticas agrícolas e inexistindo uma preocupação com a preservação dos recursos naturais para as gerações futuras. Além disso, suas práticas estão longe de ter como objetivo a emancipação humana. O caminho da emancipação dos povos do campo somente é possível de ser construído a partir da busca de formas de revalorização da vida no campo ecologicamente determinada.

A resposta à pergunta anterior torna claro que as mulheres camponesas, em sua maioria, possuem consciência sobre o modo de produção com o qual estão envolvidas e também sabem que o mesmo não pode articular-se com o modo de produzir dos grandes produtores. Tal consciência se vincula, inevitavelmente, com a consciência de que o modo como a sociedade brasileira está organizada, em seu favorecimento do agronegócio, não está correto.

Levando em consideração os dados apresentados até o presente momento sobre a agricultura convencional, se faz extremamente urgente o abandono do método convencional de agricultura e uma transição para uma agricultura sustentável. A mesma tem como base o não uso de agrotóxicos, a combinação dos saberes populares com os saberes científicos e a realidade do paradigma agroecológico (MENEZES, et al., 2020).

A agricultura camponesa, que se coloca como uma forma de resistência diante das imposições do sistema capitalista de produção, muito pode contribuir nesse processo de transição. Ela apresenta como características importantes para esse processo a gestão compartilhada da propriedade rural e a preservação ambiental. Da primeira característica, pode-se dizer que ela

demonstra que as atividades na agricultura e na pecuária são a principal fonte de renda dos agricultores camponeses, exercendo um importante papel social e econômico. A segunda característica aparece no fato de que essa forma de agricultura valoriza a diversidade produtiva e isso favorece o cuidado no manejo dos recursos naturais (OLIVEIRA; CORIOLANO, 2020).

A pergunta sobre o projeto de sociedade pelo qual o Movimento de Mulheres Camponesas luta não foi respondida por três das entrevistadas. Elas não se sentiram à vontade para responder essa questão. Uma delas afirmou não se sentir com propriedade para falar sobre esse assunto e se disse preocupada com a possibilidade de cometer algum erro: "Esta pergunta eu não tenho muita propriedade para responder, porque posso cometer algum erro". De forma semelhante, outra entrevistada também falou sobre falta de propriedade para abordar essa questão: "Sobre esse assunto, não tenho propriedade para falar". Outra pesquisada, por sua vez, simplesmente pediu para que essa questão fosse deixada sem resposta: "Pode pular essa pergunta". Isso indica que, julgando o assunto muito profundo e complexo e tentando evitar cometer algum equívoco ao falar sobre ele, as mulheres optaram por não responder a questão colocada.

Duas das entrevistadas, ao responderem essa questão, apontaram para a importância da agroecologia para o modelo de sociedade defendido pelo MMC. Dessa forma, as respostas dadas por ambas foram bastante parecidas. A primeira entrevistada disse:

*Tem. Que é o projeto de sociedade a partir da agroecologia, onde por meio de novos modos de produção a gente pode trabalhar a defesa da natureza e da vida das mulheres. Assim, porque a gente pode construir, pode construirmos juntos uma sociedade mais justa e mais humana.<sup>21</sup>*



A segunda entrevistada, por sua vez, fez a seguinte afirmação:

*Sim, que é o projeto de sociedade a partir da agroecologia, onde por meio de novos modos de produção, defesa da natureza e da vida das mulheres, construímos uma sociedade justa e mais humana.<sup>22</sup>*



<sup>21</sup>Entrevista concedida pela entrevistada A [09.2020]. Entrevistador: Eduardo Lourenço Figueiredo. União dos Palmares, 2020.

<sup>22</sup>Entrevista concedida pela entrevistada B [09.2020]. Entrevistador: Eduardo Lourenço Figueiredo. União dos Palmares, 2020.

Outra entrevistada iniciou sua resposta afirmando que o projeto de sociedade defendido pelo Movimento de Mulheres Camponesas é um projeto de sociedade socialista. Em seguida, ela afirmou também, à semelhança das entrevistadas anteriores, a importância da agroecologia no projeto de vida das mulheres do campo:

*Existe o projeto de sociedade que nos baseamos enquanto movimento socialista que é o projeto de sociedade socialista. Mas, o nosso projeto de vida, o nosso projeto de organização é o projeto de agricultura agroecológica feminista e camponesa a partir de um novo projeto de sociedade, pensando essa nova relação entre humanidade, natureza e, dessa humanidade e natureza, entre nós também humanos com as sementes, sem violência e para uma sociedade mais justa. Para isso, nós pautamos a agroecologia como meio de produção, vindo que a partir do meio de produzir novas formas de produzir alimentos, teremos também novas relações humanas, sem violência à terra e sem violência à vida humana e sem violência à vida natureza, conservando as diversidades que somos e as diversidades de vida.<sup>23</sup>*

Assim, fica claro que parte das mulheres entrevistadas consegue enxergar a centralidade ocupada pela agroecologia no projeto de sociedade pelo qual o movimento luta. Trata-se do entendimento de que um modo de produzir pode afetar a existência em sua totalidade, criando novas relações tanto dos seres humanos com a natureza quanto dos seres humanos entre si.

Nesse contexto, é importante ressaltar que o surgimento do termo agroecologia aconteceu nos anos 1930. O mesmo foi elaborado por ecólogos para dar nome à ecologia em sua aplicação à agricultura. No entanto, os ecólogos tinham sua atenção voltada para os sistemas naturais. As questões da agricultura



<sup>23</sup>Entrevista concedida pela entrevistada E [09.2020], Entrevistador: Eduardo Lourenço Figueiredo, União dos Palmares, 2020.

ficavam restritas às pesquisas aplicadas que os agrônômicos realizavam (COSTA, 2017).

A agroecologia, porém, pode ser entendida como uma abordagem da agricultura, uma base científica que integra em si uma diversidade de aspectos: agrônômicos, ecológicos e socioeconômicos com vistas à produção de alimento, com capacidade para realizar a crítica da agricultura convencional e dar orientação ao correto redesenho e manejo dos agroecossistemas visando a autossustentabilidade (MARCOS, 2007).

O modelo agroecológico, portanto, difere em muito do modelo adotado pela agricultura convencional também desde o ponto de vista social. No primeiro modelo, há o desdobramento de espaços, alternativas de trabalho e de renda e existe a possibilidade de participação das mulheres, dos jovens e dos idosos; no segundo modelo, não há lugar para os jovens, as mulheres e os idosos no que diz respeito ao trabalho e tampouco há valorização dos saberes coletivos e tradicionais (HENN, 2013).

Os saberes das mulheres camponesas do MMC estão estreitamente vinculados ao ideal da sustentabilidade em seus vários aspectos: social, ambiental e econômico e, por isso mesmo, têm na agroecologia a forma de produção que serve ao desenvolvimento da sustentabilidade desejada. Nesse sentido, em seu modo de lidar com o solo, as plantas e todo o agroecossistema, o que as mulheres do MMC buscam é a efetivação de um modo de produzir distanciado dos agrotóxicos, excesso de máquinas e demais características de produzir típicas dos grandes produtores. A agroecologia é a base a partir da qual se desenvolvem os saberes e as práticas do Movimento de Mulheres Camponesas. Assim, valorizando conhecimentos e práticas campesinas tradicionais, as mulheres camponesas estão valorizando o desenvolvimento agroecológico.

A perspectiva agroecológica, na verdade, tem como seu ponto de partida a necessidade do respeito pela cultura local, com seus valores, conhecimentos e saberes e a utilização dos mesmos nos processos de desenvolvimento. Assim, a identidade cultural dos povos do campo é valorizada e reconhecida em toda a sua importância para um desenvolvimento sustentável (CAPORAL; COSTABEBER, 2004).

É importante ressaltar, todavia, que a agroecologia não é simplesmente um retorno às práticas antigas e o abandono de todas as formas de tecnolo-

gia. Ela é antes marcada pelo aproveitamento de variados saberes empíricos ancestrais unidos às tecnologias modernas, tendo sempre como preocupação não agredir o meio ambiente e melhorar a qualidade de vida daqueles que executam a prática de produção. (SOUZA, 2020).

A agroecologia, além de se pronunciar sobre a administração equilibrada, desde um ponto de vista ecológico, dos recursos naturais, apresenta-se como uma área do conhecimento que contribui para os redirecionamentos que as sociedades precisam executar. Seus alvos são, sobretudo, as mudanças sociais e ecológicas, nas múltiplas inter-relações e influências às quais as mesmas encontram-se ligadas (CAPORAL; COSTABEBER; PAULUS, 2006).

Desse modo, o enfoque científico e a abordagem interdisciplinar da agroecologia é a aposta não somente das mulheres camponesas, mas também de profissionais de diversas áreas, organizações não governamentais, instituições de ensino, pesquisa e extensão e movimentos sociais. O paradigma da agroecologia é considerado capaz de transformar as relações socioculturais do campo e de superar as contradições ambientais e econômicas presentes no agronegócio (SARAGOSO; MACHADO e GARCIA, 2018).

A relevância da agroecologia no projeto de sociedade defendido pelo MMC, no entanto, não foi a única questão citada para responder a pergunta sobre o projeto de sociedade pelo qual o Movimento de Mulheres Camponesas luta. Na verdade, houve uma diversidade de respostas. Uma das entrevistadas disse que o MMC luta por uma sociedade em que a mulher tenha mais espaço na política. De acordo com ela, as mulheres, que já sabem da luta diária no cuidado do lar e no trabalho, podem desempenhar um importante papel no cenário político:

*Que os políticos deem mais valor às mulheres. Porque as mulheres são mulheres guerreiras. As mulheres têm que ter mais espaço na política. Porque se a mulher for na política, ela vai fazer mais do que os homens, porque as mulheres já sabem da luta, da luta da casa, do trabalho e os homens não sabem.<sup>24</sup>*



Outra entrevistada afirmou que o MMC luta por uma sociedade em que a lei Maria da Penha seja efetivamente cumprida: "Sim. Um projeto de sociedade em que essa lei Maria da Penha fosse aprovada com palavra, de verdade. Mas

<sup>24</sup>Entrevista concedida pela entrevistada G [02.2021]. Entrevistador: Eduardo Lourenço Figueiredo. União dos Palmares, 2021.

ela não é aprovada de verdade”.

Outra pesquisada, por sua vez, disse que a luta do movimento é por uma sociedade em que a estrutura para a mulher executar seu trabalho no campo seja melhor que a atual: “Um projeto de mais estrutura para a mulher na agricultura. Mais valorizar a agricultura da mulher. Mais uma força e uma ajuda para ela ter mais força e sentir a vontade na agricultura, trabalhar”.

Outra das mulheres entrevistadas disse que o MMC busca construir um modelo de sociedade em que a mulher tenha maior segurança: “Uma sociedade em que tenha uma segurança para melhorar a vida das mulheres”.

Assim, diante da realidade de pouca participação e oportunidades das mulheres no cenário político, da falta de estrutura para as mulheres trabalharem no campo e da violência contra a mulher que atinge a sociedade brasileira e, mais especificamente, a realidade alagoana, essas mulheres encontram no MMC um movimento que tem como suas pautas conseguir uma maior participação da mulher na política, mais estrutura para as mulheres do campo trabalharem e a defesa da segurança e da vida das mulheres.

## 4 - Pratos típicos, tradições folclóricas e plantas medicinais da realidade camponesa

A pergunta sobre qual prato típico melhor representa a realidade camponesa foi respondida por metade das entrevistadas citando a fava como prato típico que melhor representa a realidade do campo. Levando em consideração que esse é um prato típico bastante apreciado pelas mulheres entrevistadas, fica visível a valorização dos elementos do seu dia a dia na escolha daquilo que as representa. Uma das mulheres chamou a atenção para o fato de que, em determinado evento acontecido no Estado de Alagoas, o MMC ficou representado pela fava. Nesse ponto, é possível verificar como algo tão simples, como um prato típico do cotidiano camponês, ganha destaque dentro de uma dinâmica de resistência que faz a ligação entre o cotidiano e as lutas socioambientais do movimento. É a partir do esforço diário, dos elementos do cotidiano e da realidade camponesa que a luta é constituída e levada a frente pelas mulheres do campo. Não se trata, portanto, de produzir discussões teóricas afastadas do mundo real, mas de produzir discussões teóricas que têm como seu ponto de partida a práxis camponesa.

*Tem várias comidas que representa a mulher camponesa: a tapioca, a farinha, a batata doce, a macaxeira, o beiju, a fava, o feijão de corda. Não tem nenhum que se destaque mais porque todas fazem parte de algum modo da nossa realidade. A fava ela é colocada no fogo apenas com água e sal, depois escorre a água, coloca o coentro e é só servir. Decidi falar da fava porque justamente é uma das sementes crioulas que o movimento do MMC em Alagoas ficou representado pelo tema da gente para falar, porque o tema é sementes crioulas que ia ter. Tem a cartilha, aí ia ter o seminário, ia ter um monte de formação, só que, devido a pandemia, aí parou tudo. Por isso que resolvi falar da fava.<sup>25</sup>*



Foram diversos, porém, os modos de preparo da fava e os acompanhamentos da mesma citados pelas mulheres entrevistadas. Uma das pesquisadas, por exemplo, falou sobre fazer bolos de fava, machucados com a mão, para comer com a galinha de capoeira:

<sup>25</sup>Entrevista concedida pela entrevistada C [09.2020]. Entrevistador: Eduardo Lourenço Figueiredo. União dos Palmares, 2020.



*Assim, para mim, eu acredito que o feijão verde, ou a fava verde, cozido, depois, feito bolo de feijão com farinha, onde bota a farinha no feijão ou na fava e faz os bolos machucados com a mão para comer com galinha de capoeira feita em casa, no fogo de lenha, no molho.<sup>26</sup>*

Outra pesquisada, além de citar a fava como prato típico que melhor representa a realidade do campo, falou um pouco sobre um prato chamado de galinha cheia. O mesmo, de acordo com a fala da entrevistada, representa a realidade camponesa de sua própria família:

*Os pratos típicos são muitos e muitas variedades. Depende muito da família, da cultura familiar. A nossa família tem alguns. Tipo, a minha família tem o da galinha cheia, que é um tipo de galinha feita com um recheio dos miúdos, que é fígado, coração, sangue. É tipo uma buchada só que com as coisas da galinha. É chamada de galinha cheia, recheada e um prato muito típico da semente é a fava, que a gente come a fava com a galinha de capoeira, comer fava de bolo. Então, esse é um prato muito típico na região: a fava.<sup>21</sup>*



Outra entrevistada, por sua vez, descreveu de forma simples e direta como é feito o preparo da fava: “A fava. Cozinha a fava, escalda, depois prepara e só”. Ao lado, a figura 8 mostra uma plantação de fava cultivada pelas mulheres c a m p o n e s a s n o assentamento.

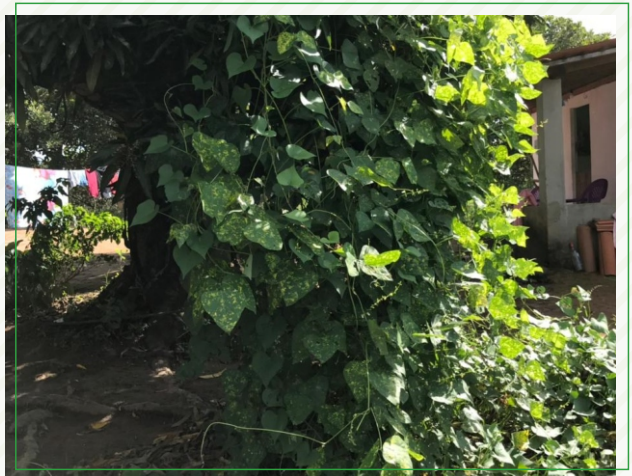


Figura 8: Plantação de fava presente no Assentamento Padre Emílio, em União dos Palmares/AL. Fonte: Arquivo pessoal.

<sup>26</sup>Entrevista concedida pela entrevistada A (09.2020). Entrevistador: Eduardo Lourenço Figueiredo. União dos Palmares, 2020.

<sup>27</sup>Entrevista concedida pela entrevistada E (09.2020). Entrevistador: Eduardo Lourenço Figueiredo. União dos Palmares, 2020.

Outra das mulheres pesquisadas, também falando sobre o preparo da fava para comer com galinha de capoeira, foi mais detalhista na fala sobre a execução desse preparo:



*A fava verde com a galinha de capoeira que a gente cria na roça. A gente debulha a fava, bota para cozinhar, escalda ela quando estiver cozinhada, bota para ferver, bota um salzinho e um coentrozinho e já tá pronta. E mata a galinha, bota para torrar com todas as verduras, com o molhinho, já tá pronta para comer.<sup>26</sup>*

Outra pesquisada, todavia, dando uma resposta diferente para a questão colocada, citou a tapioca como prato típico que melhor representa a realidade do campo. No entanto, não se detendo muito nos detalhes sobre seu preparo, disse apenas quais os ingredientes utilizados para preparar a mesma e os horários em que esse prático típico costuma ser saboreado:

Outra das entrevistadas, por outro lado, em resposta à pergunta anterior, citou o cuscuz e se deteve na exposição do seu preparo. Segundo ela, o mesmo representa as mulheres do campo em suas lutas: “O cuscuz. Porque, antes de vir à nossa mesa, temos que cultivar bem o milho e colher, deixar secar, ralar e, em seguida, colocá-lo no fogo para que podemos nos alimentar. Ele nos representa na questão da nossa luta no MMC”.

Outra pesquisada, respondendo à questão anterior, afirmou ser a galinha de capoeira o prato típico que melhor representa a realidade do campo e falou um pouco sobre como o mesmo é preparado: “A minha receita é uma galinha de capoeira, para torrar ela bem torradinha, colocar tempero, cebola, coentro, alho, hortelã, manjericão. Aí fica uma galinha nota dez.”

*Tem vários tipos de comidas típicas: tapioca, mungunzá, beijú, pão de milho, canjica, etc. A tapioca para preparar é preciso dos seguintes ingredientes: goma do coco e o sal. É muito fácil o preparo da tapioca. Utilizamos muito no café da manhã ou à noite.<sup>27</sup>*



<sup>26</sup>Entrevista concedida pela entrevistada I [02.2021]. Entrevistador: Eduardo Lourenço Figueiredo. União dos Palmares, 2021.

<sup>27</sup>Entrevista concedida pela entrevistada B [09.2020]. Entrevistador: Eduardo Lourenço Figueiredo. União dos Palmares, 2020.

De acordo com outra entrevistada, no entanto, o prato típico que melhor representa a realidade das pessoas do campo é a pamonha. A entrevistada também se deteve um pouco na explicação do seu preparo: "A pamonha. Relá o milho e depois bota na palha, amarra a palha, bota na panela a água fervendo. Aí, num instante incha a pamonha e, quando cozinha, ela quentinha é muito bom". A seguir, temos a foto de um caldeirão de pamonhas no fogão a lenha.

Outra das mulheres, por fim, em resposta à pergunta anterior, citou o doce de mamão. Ela, porém, não deu uma explicação muito detalhada sobre como seria o seu preparo: "O doce de mamão. Corta o mamão e coloca ele no fogo para fazer e quando ele tiver pronto, tira". Abaixo, a figura 9 mostra um potinho com doce de mamão.

As respostas dadas expuseram, então, o quanto a realidade campesina é rica em termos de variedade de pratos preparados pelas mulheres do campo. A sabedoria popular do campesinato elabora os mais diversos pratos, com seus diferentes aromas e sabores e considera muitos deles como representantes da realidade camponesa. Essa riqueza culinária ganha destaque no contexto familiar onde os modos de preparar os alimentos vão sendo passados de geração a geração. Mais do que o simples alimento, o que aparece por meio de cada prato é a identidade cultural dos povos do campo. Pois, como bem o coloca Fischler (1979), o ser humano se alimenta não somente de animais e vegetais, mas também do imaginário. Tal fato confere à comida uma inegável dimensão cultural.

Por meio da comida, do que é servido a cada um, do lugar que cada um ocupa na mesa se expressam também as diferentes identidades sociais. De



Figura 9: Doce de mamão caseiro.  
Fonte: Arquivo pessoal.

modo que o ato de alimentar-se, não estando restrito à mera reposição de energia, não pode ser encarado como uma atividade banal da vida cotidiana. Antes, deve ser visualizado em toda a riqueza da dimensão sociocultural que representa. (WEDIG; MENASCHE, 2013).

As respostas dadas expuseram, então, o quanto a realidade camponesa é rica em termos de variedade de pratos preparados pelas mulheres do campo. A sabedoria popular do campesinato elabora os mais diversos pratos, com seus diferentes aromas e sabores e considera muitos deles como representantes da realidade camponesa. Essa riqueza culinária ganha destaque no contexto familiar onde os modos de preparar os alimentos vão sendo passados de geração a geração. Mais do que o simples alimento, o que aparece por meio de cada prato é a identidade cultural dos povos do campo. Pois, como bem o coloca Fischler (1979), o ser humano se alimenta não somente de animais e vegetais, mas também do imaginário. Tal fato confere à comida uma inegável dimensão cultural.

Por meio da comida, do que é servido a cada um, do lugar que cada um ocupa na mesa se expressam também as diferentes identidades sociais. De modo que o ato de alimentar-se, não estando restrito à mera reposição de energia, não pode ser encarado como uma atividade banal da vida cotidiana. Antes, deve ser visualizado em toda a riqueza da dimensão sociocultural que representa. (WEDIG; MENASCHE, 2013).

No que concerne à palavra folk-lore, a mesma foi pela primeira vez utilizada em 1846 pelo inglês William John Thoms. A origem do termo se dá a partir da junção de folk (povo) e lore (saber), indicando, desse modo, um saber de origem popular. Tal expressão designava os modos, os costumes, as superstições, os provérbios antigos, etc. que estavam se perdendo e poderiam, mesmo que apenas em partes, ser recuperados (NÉIA, 2017). Sendo perguntadas sobre qual tradição folclórica teria mais importância para a realidade camponesa, metade das entrevistadas responderam que as tradições mais importantes seriam as que estavam relacionadas com o período dos festejos juninos.

Uma das entrevistadas falou sobre a importância do milho e da tradição de fazer a pamonha e a canjica, pratos típicos dessa época do ano: "As tradições da época de São João. O milho que não pode faltar para fazer pamonha, canjica".

Outra entrevistada fez praticamente a mesma afirmação e também citou a tradição de elaborar as comidas típicas do período junino como sendo a mais importante. Em suas palavras: "As tradições são fazer pamonha, canjica, pé de moleque, tapioca. É as tradições de quando é tempo de festa, São João".

Outra pesquisada, embora tenha dito que as tradições mais importantes são as que estão relacionadas com a época de São João, não especificou quais tradições desse período deveriam ser consideradas mais importantes: "A mais importante é as do São João".

Outra das mulheres, por sua vez, semelhante ao que afirmaram as entrevistadas anteriores, falou sobre as tradições culinárias típicas do período das festas juninas e acrescentou o ato de ralar macaxeira entre essas tradições: "As tradições do São João: Milho, pamonha, pé de moleque, rala macaxeira, faz a tapioca, tudo".

De forma semelhante, outra entrevistada também citou as tradições culinárias da época do São João como sendo as mais importantes. Todavia, de forma original, citou também a tradição das fogueiras: "As tradições do São João. O São João tem a pamonha, a canjica, as fogueiras de São João que a gente faz todo ano". A seguir, a imagem 10 mostra pamonhas sendo preparadas no fogão a lenha.



*Figura 10: Pamonhas no fogão a lenha.  
Fonte: Arquivo pessoal.*

Duas das entrevistadas, todavia, citaram a tradição da contação de contos ou histórias como sendo a mais importante. Uma delas disse que essa é uma tradição que se efetiva a partir dos momentos em família, nos quais os contos ou histórias são narrados, pelos bisavós, avós e pais:

A outra ressaltou que a contação de histórias mantém a ancestralidade viva: "A contação de história. Eu considero a contação de história uma das mais importantes, porque mantém a ancestralidade presente, viva".<sup>31</sup>

Outra entrevistada citou o costume, já não mais existente, de fazer farinha. Tal escolha se deu porque esse seria um momento em que todos se reuniam.

*Eu acredito que os contos. As tradições de contos que é contado pelos nossos avós, pelos nossos bisavós, pelos nossos pais, que sempre haverá os momentos em família onde vai acontecer os contos, as contações de histórias, de mitos.<sup>30</sup>*

*As tradições importantes na vida camponesa era a época de fazer farinha. Hoje, não é tradição, mas antes era, porque é importante. Era a época em que todos se reuniam para fazer a farinha, fazer pés de moleques. É época de colheitas também é tradição muito importante para nós camponesas.<sup>32</sup>*



Duas mulheres optaram por não responder essa pergunta. Ambas as entrevistadas demonstraram desconhecimento com relação às tradições típicas do campesinato. A primeira disse o seguinte: "Sobre esse assunto não me sinto à vontade de falar". Já a segunda afirmou: "Não sei te responder essa".

O que fica visível é que as tradições escolhidas como mais importantes são justamente aquelas que preservam os laços entre as pessoas e as gerações, seja por meio da reunião dos membros da comunidade para o preparo e consumo dos pratos típicos dos festejos juninos, através da manutenção dos laços entre as gerações por meio da contação de histórias ou a partir da

<sup>30</sup> Entrevista concedida pela entrevistada A [09.2020]. Entrevistador: Eduardo Lourenço Figueiredo. União dos Palmares, 2020.

<sup>31</sup> Entrevista concedida pela entrevistada E [09.2020]. Entrevistador: Eduardo Lourenço Figueiredo. União dos Palmares, 2020.

<sup>32</sup> Entrevista concedida pela entrevistada D [09.2020]. Entrevistador: Eduardo Lourenço Figueiredo. União dos Palmares, 2020.

reunião dos membros da comunidade para a execução de um trabalho em comum. Há uma valorização por parte da maioria das mulheres do estabelecimento dos laços afetivos dos membros da comunidade entre si e dos membros da comunidade para com o seu passado.

Importante, nesse caso, é a preservação da identidade por meio da memória. Pois, como o colocam Schmidt e Mahfoud (1993), falando sobre o pensamento de Halbwachs, o indivíduo que lembra é, em toda circunstância, alguém que está inserido e habitado por grupos de referência. Nesse caso, ainda que a memória seja um trabalho do sujeito, ela se constitui sempre a partir do grupo. Daí a importância de práticas que preservem os laços afetivos da comunidade e mantenham a memória da comunidade viva a cada nova geração.

Respondendo a pergunta sobre quais conhecimentos sobre plantas medicinais seriam indispensáveis para a realidade campesina, todas falaram sobre a importância dos chás. Isso mostra que os chás são uma das principais formas que as mulheres camponesas encontram para restaurar sua saúde quando a mesma é atingida por algum mal. Uma das mulheres citou, além dos chás, os banhos e disse que sua importância não está restrita à realidade feminina, mas se estende para todas as pessoas:



*Tem duas. A mais forte para mim, muito, que eu vejo mais, forte, forte mesmo, que toda mulher deve saber, são os chás e também os banhos, os banhos íntimos também. Muito importante para toda mulher. Não só para as mulheres também, que vai além das mulheres.<sup>33</sup>*

Outra pesquisada citou o boldo, a camomila e o capim santo e falou um pouco sobre a utilidade dos chás feitos com essas plantas: "Tem vários tipos de plantas medicinais que serve para várias coisas. O boldo é muito bom para dores. Camomila serve para os nervos. O Capim Santo é muito bom para insônia, etc".

Outra entrevistada, por sua vez, limitou-se a citar algumas plantas medicinais e ressaltou que todas possuem a mesma importância:

<sup>33</sup>Entrevista concedida pela entrevistada A [09.2020]. Entrevistador: Eduardo Lourenço Figueiredo. União dos Palmares, 2020.

*Tem várias plantas medicinais. Uma delas é para tudo. Ela serve quando você está com dor, para fazer massagem com água morna. Há muitas plantas medicinais: Merthiolate, Cana d'água, Moringa, Boldo e tem várias outras. Todas tem a mesma importância.<sup>34</sup>*



Outra pesquisada falou sobre a terramicina, o alecrim, a camomila e o boldo e citou a utilidade dos chás feitos com cada uma dessas plantas: “A terramicina é muito boa para inflamações e o alecrim também. Camomila: boa para acalmar os nervos. Boldo também é muito bom para gases, dentre outras plantas”.

Três mulheres deram respostas bastante semelhantes, tendo todas apenas citado algumas plantas que servem para fazer chá e afirmado que o conhecimento sobre os chás é o mais importante no que se refere à sabedoria relacionada com as plantas medicinais. Uma delas disse: “O conhecimento dos chás: erva cidreira, capim santo, colônia, sabugueira”. Outra afirmou: “O conhecimento do hortelã da folha miúda, da folha grande e cidreira, colônia, capim santo, manjeriço. Tem vários tipos. O mais importante são os chás”. Outra, por sua vez, ressaltou: “Os conhecimentos sobre cidreira, capim santo, hortelã, alfavaca. Os chás são os mais importantes”.

Outra entrevistada falou sobre algumas plantas que servem para fazer chá e esclareceu que o chá de erva cidreira serve para resolver problemas de barriga inchada, gases e males semelhantes: “Hortelã, colônia, alecrim, erva cidreira. A erva cidreira serve para quando a gente tá com a barriga presa, inchada. Para soltar o ar, é muito bom a erva cidreira”.

Outra pesquisada, tendo também citado algumas plantas que são úteis para fazer chá, deteve-se numa explicação sobre a utilidade do chá da folha da goiaba que, conforme a fala da entrevistada, serve para acalmar e fazer dormir: “A cidreira, a folha da graviola, a folha da goiaba que serve para fazer chá. A folha da goiaba é para fazer o chá para acalmar e também dormir”.

<sup>34</sup>Entrevista concedida pela entrevistada C [09.2020]. Entrevistador: Eduardo Lourenço Figueiredo. União dos Palmares, 2020.

As falas das entrevistadas elucidaram a importância dos chás e o lugar de destaque que os mesmos ocupam no contexto das práticas medicinais típicas do campesinato. Uma das entrevistadas, todavia, além de falar sobre o lugar dos chás dentro das práticas medicinais campesinas, falou um pouco sobre a importância de estabelecer um diálogo entre a medicina convencional e o uso medicamentoso das plantas efetivado pelas mulheres do campo. Ela afirmou não existir contradição entre as duas formas de medicina, mas complementariedade entre ambas.

*Vários. Eu acho que desde a forma de colher a planta, o cultivo, a forma de preparar os chás, os banhos. Eu acho que a medicina campesina, a partir das ervas medicinais, tem uma relação muito com o que hoje tá se colocando como homeopatia, que é a manipulação das plantas, o extrair delas o que há de melhor, fazer os chás. O que mais eu posso dizer? Eu acho que todos têm uma importância grande, mas desde que sabido usar. Porque, assim como a medicina convencional tem suas regras, a medicina camponesa também tem suas regras. Ninguém pode estar tomando um chá todo dia durante dez anos, não sei quanto tempo. Diferente de uma medicina convencional que você toma um comprimido todo dia, dez anos da sua vida. A medicina com as plantas medicinais, ela tem um tempo. Porque, do contrário, ela pode intoxicar. Ela pode, ao invés de causar bem, causar mal. Tem que saber a dosagem. Não é fazer uma garrafa e tomar o dia todo, mas ter um horário certo para tomar. Então, seguir-se a regra e por isso que é tão importante dialogar a medicina tradicional camponesa com a medicina alopata dos médicos, da medicina convencional. Então, fazer essa dialética<sup>35</sup> entre os dois mundos, porque um complementa o outro.<sup>36</sup>*



Tal fala apresenta-se como questionável, uma vez que, sobretudo nos ambientes acadêmicos, há ainda uma desvalorização dos conhecimentos medicinais tradicionais do campo e uma supervalorização da medicina convencional. Assim, longe de existir uma relação de complementariedade, conforme exposto pela entrevistada, o que existe é quase que a total rejeição, por parte daqueles que estão envolvidos com a medicina convencional, dos saberes medicinais dos povos do campo. Abaixo, temos uma tabela com o nome popular da planta medicinal, seu nome científico e sua utilidade.

<sup>35</sup> O termo dialética é utilizado pela entrevistada com a intenção de fazer referência à necessidade de diálogo entre as formas de medicina citadas.

<sup>36</sup> Entrevista concedida pela entrevistada E [09. 2020]. Entrevistador: Eduardo Lourenço Figueiredo. União dos Palmares, 2020.

Tabela 2 – Plantas medicinais: nome popular, nome científico e utilidade.

PLANTA	NOME POPULAR	NOME CIENTÍFICO	UTILIDADE
	<b>Boldo do Chile</b>	Peumus boldus	É útil para aliviar sintomas de má digestão, cólicas intestinais e produção excessiva de gases.
	<b>Capim Santo</b>	Cymbopogon citratus	Serve, dentre outras coisas, para o tratamento da insônia e de problemas de ansiedade.
	<b>Merthiolate</b>	Jatropha Multifida	Serve, dentre outras coisas, para inibição da inflamação.
	<b>Terramicina</b>	Alternanthera brasiliana	Ajuda, entre outras coisas, no combate às cólicas menstruais. Serve também para acabar com a tosse.
	<b>Alecrim</b>	Rosmarinus Officinalis	Ajuda na digestão, na prevenção do câncer e no tratamento de problemas de pele.
	<b>Hortelã</b>	Mentha Spicata	Serve para ajudar na digestão, reduzir a náusea e o vômito e acalmar o intestino.
	<b>Manjeriço</b>	Ocimum basilicum	Serve, entre outras coisas, para problemas de estômago, como prisão de ventre e indigestão.
	<b>Alfavaca</b>	Ocimum gratissimum	É útil para tratamento de sintomas de gripe e resfriado, como tosse e dor de garganta.
	<b>Graviola</b>	Annona muricata	É útil no tratamento da diabetes e da hipertensão. Pode ajudar também a diminuir a insônia.

Tal fala apresenta-se como questionável, uma vez que, sobretudo nos ambientes acadêmicos, há ainda uma desvalorização dos conhecimentos medicinais tradicionais do campo e uma supervalorização da medicina convencional. Assim, longe de existir uma relação de complementariedade, conforme exposto pela entrevistada, o que existe é quase que a total rejeição, por parte daqueles que estão envolvidos com a medicina convencional, dos saberes medicinais dos povos do campo. Abaixo, temos uma tabela com o nome popular da planta medicinal, seu nome científico e sua utilidade.

## 5 - Religiosidade das mulheres camponesas

Quanto ao pertencimento a algum grupo religioso, prevalece entre as mulheres entrevistadas o cristianismo em sua versão católica romana. Das dez entrevistadas, sete se declararam católicas. Apenas duas entrevistadas se declararam evangélicas e somente uma declarou não pertencer a nenhuma religião e disse que, apesar de ser batizada na Igreja Católica, tem se aproximado da Umbanda. O MMC, no entanto, é marcado pela tolerância para com as minorias religiosas. A figura 11 mostra a imagem de Santa Luzia, representando a fé católica presente no movimento.

Essa realidade torna-se visível no fato de que as mulheres foram unânimes em responder que não existe nenhum vínculo específico entre a religião delas e a atuação do Movimento de Mulheres Camponesas. De acordo com as palavras de uma das entrevistadas, o movimento entende que a religião, enquanto força espiritual da mulher, deve ser fortalecida e respeitada e o MMC não deve interferir nesse aspecto da vida das mulheres.



Figura 11: Imagem de Santa Luzia, representando a fé católica de muitas das mulheres camponesas. Fonte: Arquivo pessoal.



*Não. Até porque o Movimento de Mulheres Camponesas trabalha independente de religião, apoiando as mulheres, também pela defesa da vida e da terra, contra a violência e a exploração e não com a religião. Então, a gente entende que a fé de cada pessoa, de cada mulher é de sua força espiritual e que deve ser fortalecida conforme sua fé sem interferências do movimento. Então, a religião aí é independente.<sup>37</sup>*

<sup>37</sup>Entrevista concedida pela entrevistada A [09.2020]. Entrevistador: Eduardo Lourenço Figueiredo. União dos Palmares, 2020.

Outra pesquisada, respondendo a pergunta sobre a relação entre sua religião e o Movimento de Mulheres Camponesas, foi simples e direta, dizendo apenas que tal relação não existe. De forma semelhante, outras duas entrevistadas também não se estenderam em suas falas sobre esse assunto, mas afirmaram simplesmente que não existe nenhuma relação entre a atuação do movimento e a sua religião.

Dessa forma, as mulheres entrevistadas se mostraram inseridas em um processo de secularização que, não significando o fim da religião, mas tendo como consequência o fim do controle religioso sobre o todo social (CAMURÇA, 2003), reduz a religião ao âmbito privado. A mesma acaba ficando limitada à dimensão particular da vida de cada sujeito (PIERUCCI, 1997) e já não exerce domínio sobre a realidade social.

Outra pesquisada citou a presença da diversidade religiosa no movimento e enfatizou que o mesmo não é constituído por uma única religião:



*Não, não tem a ver, assim, a religião, porque há católico, há gente de todas as religiões no movimento. Não é só uma religião específica. Então, acho que não tem nada a mais a falar sobre a minha religião, porque há vários tipos de religião: tem gente evangélica, tem gente católica, tem ateu, tem de todo tipo.<sup>38</sup>*

Outra das mulheres entrevistadas afirmou que o próprio movimento está fundado sobre a diversidade de mulheres a nível nacional e que a diversidade de crenças religiosas dentro do movimento é apenas um aspecto dessa diversidade. Em sua fala ela relata:

*Não, não acredito que tenha nenhuma relação, não. Acho que o movimento, ele nasce a partir dessa diversidade de mulheres, a partir das articulações de mulheres, em sua diversidade de representação. Não só nacionalmente falando, a nível de diversos lugares, diversos estados, diversos municípios, diversas culturas, mas também diversas formas de acreditar em Deus e isso nunca interferiu dentro do Movimento. Pelo contrário, isso fortalece a gente ao respeito uma com as outras, ao amor uma com as outras, à tolerância religiosa mesmo, para a gente enxergar mais do que os rótulos da religião e, sim, a existência das pessoas e, sim, as mulheres, sem ser a religião. Mas, sim, a mulher.<sup>39</sup>*



<sup>38</sup> Entrevista concedida pela entrevistada C (09.2020). Entrevistador: Eduardo Lourenço Figueiredo. União dos Palmares, 2020.

<sup>39</sup> Entrevista concedida pela entrevistada E (09.2020). Entrevistador: Eduardo Lourenço Figueiredo. União dos Palmares, 2020.



Figura 12: A Bíblia Sagrada, representando a fé protestante também presente no Movimento de Mulheres Camponesas.  
Fonte: Arquivo pessoal.

A diversidade religiosa presente no movimento, reflexo da diversidade religiosa de nossa sociedade, reforça a ideia de secularização conforme defendida por Portella (2006), em conformidade com o qual a pós modernidade secularizada é marcada pela ausência do poder e influência social exercida por uma única instituição religiosa. Assim, de acordo com o pensador, as grandes tradições religiosas já não possuem a mesma influência na sociedade. O que há é uma cada vez menor regulação institucional da vivência religiosa e uma multiplicidade de discursos religiosos que, sendo adotados ou rejeitados em conformidade com a autonomia dos

sujeitos, disputam as preferências dos indivíduos no “mercado” religioso. Na vida das mulheres, isso aparece numa diversidade que não tem como implicação um duelo travado pelas religiões na busca por exercer o controle da atuação social dos indivíduos. Antes, é reveladora de uma multiplicidade religiosa convivendo de forma pacífica e estando restrita ao foro íntimo das participantes do movimento.

Outra entrevistada afirmou a importância do respeito para com a religião do próximo e falou também sobre a igualdade entre as mulheres: “Não. Assim, cada um tem sua religião. Não tem diferença. São tudo mulheres, iguais. A gente tem que respeitar a religião dela e a da gente. Todas as religiões convivem bem dentro do movimento”. A figura 12 mostra a Bíblia Sagrada, representando a fé protestante também presente no MMC.

Seguindo uma linha de raciocínio parecida, outra pesquisada falou que, para o bom relacionamento entre as mulheres, deve se efetivar uma relação de respeito mútuo entre elas: “Não. Eu respeito a minha e elas respeitando a minha, eu também respeito a delas. Se tiver alguma religião diferente, não vou me opor”.

Outra entrevistada falou sobre a diversidade de crenças religiosas dentro do movimento e sobre a liberdade de cada mulher para valorizar sua própria religião:

*São meio diferentes. Porque tem uns que vão para uma missa, outros não vão. Outros já é outra religião. Mas para mim é a mesma coisa. Porque cada qual que dê valor a sua religião. No grupo de mulheres, tem mulheres de religiões diferentes e todas elas são bem-vindas.<sup>40</sup>*



Outra das mulheres pesquisadas ressaltou que, embora existam entre as mulheres convicções distintas, todas elas estão relacionadas com a crença no mesmo Deus: "Não. A gente tem um Deus só. A religião não faz diferença". Tal afirmação, no entanto, pode ser questionada, uma vez que uma das entrevistadas, em sua fala, afirmou também a existência, no grupo, de mulheres que não acreditam em Deus.

Desse modo, o que fica claro é que, segundo as mulheres entrevistadas, o movimento não abraça nenhuma religião, mas acolhe dentro de si mulheres que pertencem a grupos religiosos diversos, mostrando-se como um ambiente de exercício da tolerância religiosa. Isso, obviamente, numa realidade sociocultural que, a despeito de ver o surgimento e fortalecimento de alguns discursos fundamentalistas, está marcada por uma valorização maior da autonomia dos sujeitos e por uma consequente liberdade maior dos indivíduos para se vincular e se desvincular a grupos religiosos. Trata-se de uma realidade sociocultural em que já não há o domínio social exercido por uma única religião. Porém, há espaço para a pluralidade de discursos religiosos.

<sup>40</sup>Entrevista concedida pela entrevistada H [02.2021]. Entrevistador: Eduardo Lourenço Figueiredo. União dos Palmares, 2021.

## Referências

BRUMER, A. Gênero e agricultura: a situação da mulher na agricultura do Rio Grande do Sul. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 12, n. 1, p. 205-227, 2004.

CAMURÇA, M. A. Secularização e reencantamento: a emergência dos novos movimentos religiosos. **BIB**, São Paulo, n. 56, p. 55-69, 2003.

CAPORAL, F. R.; COSTABEBER, J. A. **Agroecologia e Extensão Rural: contribuições para a Promoção do Desenvolvimento Rural Sustentável**. Brasília: MDA/SAF/DATER-IICA, 2004.

CAPORAL, F. R.; COSTABEBER, J. A.; PAULUS, G. **Agroecologia: matriz disciplinar ou novo paradigma para o desenvolvimento rural sustentável**. IN: CONTIN, I. L.; PIES, N.; CECCONELLO, R. (Org). Agricultura familiar: caminhos e transições. Passo Fundo: IFIBE, 2006.

COSTA, M. B. B. da. **Agroecologia no Brasil: história, princípios e práticas**. São Paulo: Expressão Popular, 2017.

ESMERALDO, G. G. S. L. **O protagonismo político de mulheres rurais por seu reconhecimento econômico e social**. IN: NEVES, D. P.; MEDEIROS, L. S. (Org). Mulheres Camponesas: trabalho produtivo e engajamentos políticos. Niterói: Alternativa, 2013.

FISCHER, I. R. O **protagonismo da mulher rural no contexto da dominação**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 2006.

FISCHLER, C. Présentation. **Communications**, Paris, n. 31, p. 1-3, 1979.

HENN, I. A. **Agroecologia e Relações de Gênero em Projeto Societário**. N: NEVES, D. P.; MEDEIROS, L. S. (Org). Mulheres Camponesas: trabalho produtivo e engajamentos políticos. Niterói: Alternativa, 2013.

LE GOFF, J. **História e Memória**. [Tradução: Bernardo Leitão et al.]. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1990.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

MANESCHY, M. C. **Mulheres na Pesca Artesanal: Trajetórias, Identidades e Papéis em um Porto Pesqueiro no Litoral do Estado do Pará**. IN: NEVES, D. P.; MEDEIROS, L. S. (Org). Mulheres Camponesas: trabalho produtivo e engajamentos políticos. Niterói: Alternativa, 2013.

MARCOS, V. de. Agroecologia e campesinato: uma nova lógica para a agricultura do futuro. **AGRÁRIA**, São Paulo, n. 7, p. 182-210, 2007.

MENEZES, A. J. de S. [et al.]. **A Agroecologia e a Relação Sociedade/Natureza: um diálogo para além da Academia**. IN: REIS, A. H.; ARAÚJO, J. F.; OLIVEIRA, L. M. S. R.(Org). Agroecologia e Territorialidades: do estado da arte aos desafios do século XXI. Juazeiro – BA, UNIVASF, 2020.

MENEZES, M. A.; GASPARETO, S. A. K. **As jovens do Movimento de Mulheres Camponesas (MMC) em Santa Catarina**. IN: NEVES, D. P.; MEDEIROS, L. S. (Org). Mulheres Camponesas: trabalho produtivo e engajamentos políticos. Niterói: Alternativa, 2013.

NÉIA, V. H. S. O folclore e a escrita da História: a cultura popular como fonte. **Resgate-Rev. Interdiscip. Cult.**, Campinas, v. 25, n. 1, p. 203-226, jan./jun. 2017.

OLIVEIRA, L. M. S. R.; CORIOLANO, J. W. G. **A Produção Familiar Campesina e a Produção Média Agrícola: encontros no campo para o desenvolvimento sustentável (Sociedade – Economia – Natureza)**. IN: REIS, A. H.; ARAÚJO, J. F.; OLIVEIRA, L. M. S. R.(Org). Agroecologia e Territorialidades: do estado da arte aos desafios do século XXI. Juazeiro – BA, UNIVASF, 2020.

PIERUCCI, A. F. Reencantamento e dessecularização. A propósito do auto-engano em sociologia da religião. **Novos Estudos Cebrap**, n. 49, p. 99-117, nov. 1997.

PORTELLA, R. Religião, Sensibilidades Religiosas e Pós-Modernidade: Da ciranda entre religião e secularização. **REVER**, n. 2, p. 71-87, 2006.

REIS, A. H. **Introdução: A Via Ecológica da Agricultura: desafios e perspectivas**. IN: REIS, A. H.; ARAÚJO, J. F.; OLIVEIRA, L. M. S. R.(Org). Agroecologia e Territorialidades: do estado da arte aos desafios do século XXI. Juazeiro – BA, UNIVASF, 2020.

SARAGOSO, T. M. R.; MACHADO, L. G.; GARCIA, E. G. M. Agroecologia: uma ciência interdisciplinar. **Revista de Pesquisa Interdisciplinar**, v. 3, n. 1, 2018.

SCHMIDT, M. L. S.; MAHFOUD, M. Halbwegs: Memória Coletiva e Experiência. **Psicologia USP**, São Paulo, 4 (1/2), p. 285-298, 1993.

SILVA, G. F. HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva. **Aedos**, Porto Alegre, v. 8, n. 18, p. 247-253, Ago. 2016.

SILVA, M. A. de M. S. **Camponesas, fiandeiras, tecelãs, oleiras**. IN: NEVES, D. P.; MEDEIROS, L. S. (Org). Mulheres Camponesas: trabalho produtivo e engajamentos políticos. Niterói: Alternativa, 2013.

SILIPRANDI, E. **Mulheres agricultoras e a construção dos movimentos agroecológicos no Brasil**. IN: NEVES, D. P.; MEDEIROS, L. S. (Org). Mulheres Camponesas: trabalho produtivo e engajamentos políticos. Niterói: Alternativa, 2013.

SOUZA, E. M. [et al.]. **Agricultura e Bem-Estar Humano: uma relação indispensável à sustentabilidade ambiental**. IN: REIS, A. H.; ARAÚJO, J. F.; OLIVEIRA, L. M. S. R.(Org). Agroecologia e Territorialidades: do estado da arte aos desafios do século XXI. Juazeiro – BA, UNIVASF, 2020.

TOMIZAKI, K; DANILAUSSKAS, M. A pesquisa sobre educação, juventude e política: reflexões e perspectivas. **Pro.Posições**, São Paulo, v. 29, n. 1 (86), p. 214-238, Jan./Abr. 2018.

TRINDADE, C. C. Sementes crioulas e transgênicos, uma reflexão sobre sua relação com as comunidades tradicionais. **Universidade do Estado do Amazonas**. 2006. Disponível em: <[http://www.publicadireito.com.br/conpedi/manuel/arquivos/anais/manaus/estado\\_dir\\_povos\\_carina\\_carreira\\_trindade.pdf](http://www.publicadireito.com.br/conpedi/manuel/arquivos/anais/manaus/estado_dir_povos_carina_carreira_trindade.pdf)>, Acesso em dezembro de 2020.

WEDIG, J. C.; MENASCHE, R. **Práticas Alimentares entre Camponeses: Expressão de Relações Familiares e de Gênero**. IN: NEVES, D. P.; MEDEIROS, L. S. (Org). Mulheres Camponesas: trabalho produtivo e engajamentos políticos. Niterói: Alternativa, 2013.





**INSTITUTO FEDERAL**  
Alagoas  
Campus Benedito Bentes



**PROFEPT**  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM  
EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA